

ANAIS DA ACADEMIA DE MEDICINA DO PARÁ

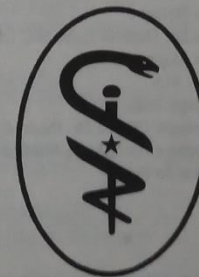
Volume V • 1994



Belém

ANAIIS DA ACADEMIA DE MEDICINA DO PARÁ

Volume V • 1994



An. Acad. Med. Pará	Belém	v.5	p. 1-72	1994
---------------------	-------	-----	---------	------

Anais da Academia de Medicina do Pará



Editor: Academia de Medicina do Pará

Endereço para correspondência: Av. Generalíssimo Deodoro, 805 / 602 - Umarizal
66050-160 Belém - Pará

Periodicidade: Anual

Tiragem: 500 exemplares

Diretor de Publicações: Luiz Cláudio Lopes Chaves

Editoração: Habib Fraiha Neto

Patrocínio: Centro Cardiológico do Pará S/C Ltda.
Centro de Diagnóstico Dr. José Antonio Maués
CLIMEP - Clínica de Medicina Preventiva do Pará S/C Ltda.
Clínica dos Acidentados
Clínica Radiológica Belache
Clínica Radiológica Dr. Octavio Lobo S/C Ltda.
Clínica Radiológica Maymone
Hospital São Marcos S/A
Laboratório Guadalupe Ltda.
Laboratório de Patologia Clínica Dr. Paulo C. Azevedo
PRO-SAÚDE Proteção e Assistência Médica à Saúde S/C Ltda.
Serviço de Litotripsia do Pará

Periódico destinado a dar a público a produção cultural da Academia de Medicina do Pará, espaço aberto à preservação da memória médica deste Estado, à publicação de textos selecionados, de vanguarda no campo da Medicina, ou referentes ao exercício profissional em bases éticas, ou à situação social do médico.

ACADEMIA DE MEDICINA DO PARÁ

Relação dos Membros Titulares e respectivos Patronos

- CADEIRA Nº 1
PATRONO OLYMPIO CARDOSO DA SILVEIRA
OCUPANTE JOSÉ RODRIGUES DA SILVEIRA NETTO
- CADEIRA Nº 2
PATRONO AMANDO ÁPIO MEDRADO
OCUPANTE CLÓVIS OLINTHO DE BASTOS MEIRA
- CADEIRA Nº 3
PATRONO CAMILLO HENRIQUE SALGADO
OCUPANTE ARMANDO NOVAES MORELLI
- CADEIRA Nº 4
PATRONO ANTONIO ACATAUASSÚ NUNES FILHO
OCUPANTE RONALDO ACATAUASSÚ NUNES
- CADEIRA Nº 5
PATRONO ACYLINO DE LEÃO RODRIGUES
OCUPANTE MANOEL MARIA DIAS FERREIRA
- CADEIRA Nº 6
PATRONO ANTONIO EMILIANO DE SOUZA CASTRO
OCUPANTE ARAMIS FRANCISCO MENDONÇA DE MORAES
- CADEIRA Nº 7
PATRONO JOÃO PRISCO DOS SANTOS
OCUPANTE CLODOALDO FERNANDO RIBEIRO BECKMANN
- CADEIRA Nº 8
PATRONO OPHIR DE LOYOLA
OCUPANTE VICTOR MOUTINHO DA CONCEIÇÃO
- CADEIRA Nº 9
PATRONO ARTHUR FRANÇA
OCUPANTE PEDRO BISI DOS SANTOS
- CADEIRA Nº 10
PATRONO JOSÉ ALVES DIAS JR.
OCUPANTE ANTONIO JURACY DE BRITO
- CADEIRA Nº 11
PATRONO JULIANO PINHEIRO SOZINHO
OCUPANTE HAROLDO PINHEIRO
- CADEIRA Nº 12
PATRONO JOÃO CLIMACO REIS MANESCHY
OCUPANTE MANOEL ARAÚJO MANESCHY

CADEIRA Nº 13
PATRONO PAULO CORDEIRO DE AZEVEDO
OCUPANTE PAULO SÉRGIO ROFFÉ AZEVEDO

CADEIRA Nº 14
PATRONO JOÃO FECURY
OCUPANTE WALDENICE DE OLIVEIRA OHANA

CADEIRA Nº 15
PATRONO GEMILIANO LYRA DE CASTRO
OCUPANTE JOSÉ CLÁUDIO DE BARROS CORDEIRO

CADEIRA Nº 16
PATRONO GELMIREZ GOMES
OCUPANTE ARNALDO LOBO NETO

CADEIRA Nº 17
PATRONO RAYMUNDO DA COSTA CHAVES
OCUPANTE LUIZ CLÁUDIO LOPES CHAVES

CADEIRA Nº 18
PATRONO ELEYSON CARDOSO
OCUPANTE RUBENS DA SILVEIRA BRITTO

CADEIRA Nº 19
PATRONO FRANCISCO DA SILVA CASTRO
OCUPANTE OSWALDO LUIZ FORTE

CADEIRA Nº 20
PATRONO LAURO ANTUNES DE MAGALHÃES
OCUPANTE LOURIVAL DE BARROS BARBALHO

CADEIRA Nº 21
PATRONO ORLANDO DE ALMEIDA PINTO
OCUPANTE GUILHERME AGUIAR PEREIRA GUIMARÃES

CADEIRA Nº 22
PATRONO ODMAR RANGEL BARATA
OCUPANTE JOAQUIM MARINHO DE QUEIROZ

CADEIRA Nº 23
PATRONO AGOSTINHO DE MENEZES MONTEIRO
OCUPANTE HENRIQUE JOSÉ RIBEIRO NETO

CADEIRA Nº 24
PATRONO RAYMUNDO DA CRUZ MOREIRA
OCUPANTE IVAN NAZARENO CAMPOS NEIVA

CADEIRA Nº 25
PATRONO GASPAS DE OLIVEIRA VIANNA
OCUPANTE HABIB FRAIHA NETO

CADEIRA Nº 26
PATRONO AMÉRICO MARQUES SANTA ROSA
OCUPANTE JOÃO ALBERTO MARADEI CARDOSO PEREIRA

CADEIRA Nº 27
PATRONO GASTÃO VIEIRA
OCUPANTE ANTONIO MARIA SILVA CONCEIÇÃO

CADEIRA Nº 28
PATRONO LUIZ ROMANO DA MOTA ARAÚJO
OCUPANTE JOSÉ MARIA CARDOSO SALLES

CADEIRA Nº 29
PATRONO JOSÉ PAES DE CARVALHO
OCUPANTE LEÓNIDAS BRAGA DIAS

CADEIRA Nº 30
PATRONO HYGINO AMANAJÁS FILHO
OCUPANTE FRANCISCO DE ASSIS ALENCAR

CADEIRA Nº 31
PATRONO JOSÉ GUILHERME ARAÚJO CAVALEIRO DE MACÊDO
OCUPANTE AMÉLIA DENISE CAVALLEIRO DE MACÊDO RIBEIRO

CADEIRA Nº 32
PATRONO ALBERTO PEREIRA DE MORAES
OCUPANTE LUIZ ALBERTO RODRIGUES DE MORAES

CADEIRA Nº 33
PATRONO FRANCISCO SOUZA PONDÉ
OCUPANTE SÉRGIO MARTINS PANDOLFO

CADEIRA Nº 34
PATRONO GERVÁSIO DE BRITO MELLO
OCUPANTE ANTONIO DE OLIVEIRA LOBÃO

CADEIRA Nº 35
PATRONO JOÃO BATISTA PENA DE CARVALHO
OCUPANTE BENJAMIN OHANA

CADEIRA Nº 36
PATRONO ANTONIO PORTO DE OLIVEIRA
OCUPANTE JÚLIO NOBRE CRUZ

CADEIRA Nº 37
PATRONO JAYME ABEN-ATHAR
OCUPANTE DOMINGOS BARBOSA DA SILVA

CADEIRA Nº 38
PATRONO OSCAR DE CARVALHO
OCUPANTE RONALDO DE ARAÚJO

CADEIRA Nº 39
PATRONO JAYME ROSADO
OCUPANTE PAULO SÉRGIO CASTELO BRANCO DE MOURA

CADEIRA Nº 40
PATRONO OSCAR PEREIRA DE MIRANDA
OCUPANTE SALOMÃO GEORGES KAHWAGE NETO

*

Membro honorário

GERALDO MILTON DA SILVEIRA

*

DIRETORIA NO BIÊNIO 1993/94

Presidente: Rubens da Silveira Britto
1º Vice-Presidente: Habib Fraiha Neto
2º Vice-Presidente: Ronaldo de Araújo
Secretário Geral: Leônidas Braga Dias
1º Secretário: Lourival de Barros Barbalho
2º Secretário: Francisco de Assis Alencar
Tesoureiro: José Cláudio de Barros Cordeiro
Diretor de Publicações: Luiz Cláudio Lopes Chaves

*

Sumário

EDITORIAL	9
VIDA ACADÊMICA	
AS ACADEMIAS: DE PLATÃO AOS NOSSOS DIAS	11
Geraldo Milton da Silveira	
OLYMPIO CARDOSO DA SILVEIRA: A TÊMPERA DE UM VITORIOSO..	17
José Rodrigues da Silveira Netto	
ATUALIDADE MÉDICA	
A FILARIOSE BANCROFTIANA EM BELÉM	21
Habib Fraiha Neto	
PALESTRAS E CONFERÊNCIAS	
A REVOLUÇÃO DA HEMOTERAPIA NO PARÁ. O HEMOPA	31
João Carlos Pina Saraiva	
HOMENAGENS ESPECIAIS	
AMÉLIA MACÊDO RIBEIRO. UMA PÁGINA DE SAUDADE	37
José Maria Cardoso Salles	
PANEGÍRICO DO PROF. CLÁUDIO PASTOR DACIER LOBATO	39
Clóvis Olintho de Bastos Meira	
NOTICIÁRIO	
ATIVIDADES DE 1994	45
O V CONCLAVE DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ACADEMIAS DE MEDICINA	45
PROF. GERALDO MILTON DA SILVEIRA É MEMBRO HONORÁRIO DA A.M.P.	49
A saudação de Clodoaldo Fernando Ribeiro Beckmann	49
O pronunciamento do homenageado	54
HOMENAGEM AO PROFESSOR JOSÉ MONTEIRO LEITE	55
DIRETORIA ELEITA PARA O BIÊNIO 1995/96	56
A DESPEDIDA DO PRESIDENTE RUBENS BRITTO	56

EDITORIAL

A Academia de Medicina do Pará vive momento de emoção e dor, pela perda irreparável de um de seus membros mais devotados, respeitáveis e amados, a acadêmica AMÉLIA DENISE CAVALLEIRO DE MACÊDO RIBEIRO, primeira ocupante da Cadeira nº 31, que tanto honrou este sodalício.

O infausto desenlace nos toma a todos de perplexidade e emudece, impotentes ante à inexorabilidade do mal que, tão rápido, a vitimou. Ironicamente, havia de ser ela, dona de simpatia irradiante e plena vitalidade, a nossa perda primeira, justo no período que antecede as festas de fim de ano, época em que habitualmente assumia, com entusiasmo e competência, as providências necessárias à feliz confraternização do nosso quadro efetivo.

É, assim, amargando sentimento de imensa saudade, que chegamos ao final deste ano acadêmico, marcado, em verdade, por dias particularmente difíceis, em decorrência de problemas de saúde que envolveram familiares de alguns membros da Diretoria, além do próprio Presidente, durante meses forçados a se ausentarem do Estado, inviabilizando toda a programação prevista para o primeiro semestre e ainda com repercussão sobre o segundo: o violento acidente automobilístico sofrido pelo primogênito do 1º Vice-Presidente nos arredores de Florianópolis, que privou por quatro meses a Presidência de toda a infra-estrutura de apoio logístico-administrativo; a longa e cruel enfermidade que acabou ceifando a vida do eminente ex-Governador do Pará, Prof. Aloysio da Costa Chaves, progenitor do nosso operoso Diretor de Publicações, principal responsável pela condução do programa científico-cultural da Academia no biênio; os cinco meses de enfermidade do próprio Presidente, que lhe exigiram afastar-se, temporariamente, da administração.

Tudo isso redundou em inevitável sacrifício do conteúdo deste número dos Anais, cujo volume de contribuições (e tão somente isto) está longe de traduzir os designios da Diretoria e toda uma reserva cultural de que dispõe a Academia em seu quadro associativo, e fora dele a seu alcance em nosso Estado.

*

AS ACADEMIAS: DE PLATÃO AOS NOSSOS DIAS*

Geraldo Milton da Silveira

Membro Honorário da Academia de Medicina do Pará

Quando Academus, no ano 387 a.C., criou nos jardins de Atenas o parque onde Platão pudesse transmitir, no bucolismo do espaço idealizado, as pregações aos seus alunos, certamente não tinha consciência de que, tanto as lições do perene filósofo, quanto o espírito que presidiu a essa criação, assim como a ligação do seu nome a ambientes culturais de excelência, perdurassem por milênios. Também, com certeza não pensou que, em todo o mundo e durante cerca de dois mil, trezentos e oitenta anos, embora de forma inconstante, fossem tão diversificadas e popularizadas, variando em épocas e em países, o que se passou a denominar, em sua homenagem, de Academias. Diversificadas, sim, porquanto são encontradas Academias com finalidades as mais diversas. No Brasil pululam as de ginástica, as de lutas marciais, de corte e costura, etc., na sua forma distorcida e mais popular. Encontramos, igualmente, as academias literárias, científicas, artísticas e, mais genuínas, as filosóficas, na sua apresentação mais erudita.

Entretanto, existe um traço comum entre ambos os grupos, o popular e o erudito, induzido subliminarmente pelo vocábulo, qual seja o conceito de qualidade, de diferenciação, de capacitação, de excelência, enfim. E esse conceito, vindo de Platão aos nossos dias, há de perdurar pela necessidade que tem a sociedade humana de distinguir os verdadeiramente merecedores deste privilégio.

Através dos tempos, como não poderia deixar de ocorrer, como mecanismo de adaptação e de sobrevivência à transformação de hábitos, costumes e procedimentos da nossa espécie, as Academias, sobretudo as eruditas, têm-se adaptado às necessidades e às condições sociais.

Para Alex Carrel, os assuntos ligados às investigações biológicas, pela sua complexidade, necessitavam de gerações para o seu profundo conhecimento, utilizando-se uns, daqueles adquiridos pelos estudiosos anteriores, e que tivessem, estes, possibilidade de transmiti-los sem solução de continuidade aos futuros investigadores, todos os progressos até então conquistados. Reproduzir-se-iam, então, os procederes dos monges beneditinos de Salerno que, durante sessenta e cinco anos se empenharam na reconstituição do canto gregoriano. De certa forma, assim procede-

* Conferência proferida na Sessão Solene de 28 de setembro de 1994, comemorativa do 7º aniversário da Academia de Medicina do Pará, após haver sido agraciado com o título de sócio honorário (Noticiário p. 49).

ram os discípulos de Platão, fazendo chegar até nós as suas reflexões e seus ensinamentos.

Já está longe, e quase esquecido, o tempo no qual, ocorrido um descobrimento, até século levaria para o seu aperfeiçoamento e difusão. Qual o período decorrido entre o descobrimento da imprensa e o seu primeiro aperfeiçoamento por Gensfleisch, cognominado Gutemberg (1397-1468), associado a Fust e Schoefer? E para a sua utilização corrente, quase dois séculos se passaram. Foram necessários cerca de cinquenta anos, em período mais recente, para que Santos Dumont tivesse a sua descoberta de um simples dirigível mais pesado que o ar aperfeiçoado, e a tal ponto que atingiu a velocidade supersônica. Mas, em apenas dez anos, o primeiro computador que ocupava toda uma casa, foi transformado em pequeno aparelho colocado sobre nossa mesa de trabalho; e um pouco mais de tempo para que o transportássemos no bolso do paletó. Hoje, os nossos computadores podem se interligar com os de todo o mundo, havendo troca de informações. As maravilhas da televisão, dos satélites, do fax, de um lado, e do outro, da cibernética e dos conhecimentos sobre vírus e bactérias, nos chegam a velocidades imprevisíveis. Hoje, a situação é completamente diferente. Com a rápida evolução da tecnologia e da comunicação, aliada à multiplicidade de aspectos e de procederes, as nossas necessidades se transformaram. Especificamente no setor da biologia, os programas são de tal vulto e divulgados com tal rapidez, que impossível se torna o acompanhamento aprofundado e, diria mesmo, apenas a notícia de tudo o que ocorre. Ontem, surgiu uma especialidade, que hoje está composta por várias das chamadas subespecialidades, e amanhã se constituirá em conhecimentos gerais. O tempo é curto para conhecermos tantos progressos e para refletirmos sobre eles.

A área médica participa, na primeira linha, deste fervilhar de conquistas e avanços do conhecimento humano. Sofre influência de vários ramos de saber e influencia outros tantos. Encontramo-nos em vertiginosa sucessão de fatos, num redemoinho de acontecimentos, que não temos capacidade nem tempo para procedermos à análise crítica e avaliação exata do que ocorre ao nosso derredor. Entretanto, as exigências sobre nós são cada vez maiores, e há que estarmos atualizados em nossa profissão.

Somam-se a estes fatos, também cada vez mais complexos, os afazeres diários, indispensáveis à nossa manutenção e de nossa família.

Um lenitivo, entretanto, pode ser encontrado nas Academias de Medicina, onde convivemos com colegas altamente capacitados, que exercem variadas especialidades e se encontram suficientemente aptos a nos transmitir, através de conferências, discussões, apartes e publicações, o quanto de novo existe, livre do desnecessário. Recorrermos demasiado à leitura seria impossível, porquanto o número de publicações sobre cada assunto é de tal monta que, às vezes, se torna inviável o conhecimento de todos os aspectos, até mesmo pelos próprios especialistas. Assim, a transmissão verbal condensada e atualizada, pelo pouco tempo que requer

dos aprendizes, transforma-se, em nosso entender, em uma das mais importantes funções das academias médicas, na atualidade.

A nossa profissão dispõe do maior número de sociedades, se comparada com outras, assim como de freqüentes Cursos, Congressos, Jornadas, Simpósios etc., porém freqüentados por profissionais da mesma especialidade. Academias abrigam os mais diversos e os mais capazes, com conhecimentos sedimentados e espírito crítico, possibilitando-lhes escoimar o supérfluo e transmitir o fundamental.

Mas, nem só nas academias encontramos colegas com tais qualificações. No seio da classe médica muitos existem, sem pertencerem às Academias de Medicina, que são altamente diferenciados; por isto, não devemos prescindir da colaboração desses profissionais que, ao serem convidados, se esmeram em primorosas apresentações. Destarte, podemos acompanhar, sem grande defasagem, o evoluir da medicina.

Considerando-se a dispersividade de especialidades dos componentes das Academias e o estágio profissional em que se encontram, seria de bom alvitre que as Universidades e os Governos delas se utilizassem, para atendimento a consultorias na área da saúde, e aconselhamentos no plano ético. Entretanto, esse vasto potencial não vem sendo devidamente utilizado. A estabilidade econômica observada no fim de carreira, aliada à visão geral dos problemas da classe, nos conduzem à independência política, o que, certamente, seria de inestimável valor nas mediações de pendências salariais, possibilitando-nos agir como juizes, evitando-se greves e outros dissabores que constroem e não engrandecem nossa classe médica.

Aqui não param as vantagens maiores das nossas Academias. Certos espíritos despreparados para o entendimento de aspectos superiores que envolvem os nossos sodalícios, não percebem o significado de uma das suas características, qual seja a imortalidade, motivo de chacota para uns poucos, mas que, na verdade, constitui razão de importante valia, não pessoal, e sim comunitária. A imortalidade, aqui, se traduz pela preservação de objetivo maior, o de perenizar, através de referências, reestudos e reanálise da vida e da obra dos que nos antecederam, em cumprimento mesmo dos nossos Estatutos e Regimentos, e ao pensado por Alex Carrel ou, de certa forma, ao trabalho desenvolvido pelos monges de Salerno. Ao sermos admitidos nas Academias, nos cabe, como obrigação inicial, no discurso de posse, a reverência e exaltação ao Patrono da Cadeira e dos acadêmicos que nos antecederam. Assim, estamos fazendo, de maneira continuada, a história da medicina, não deixando ao esquecimento as conquistas científicas que são relembradas, e passíveis de análise por novos ângulos, análises estas que poderão sugerir novas investigações, ao dispormos de tecnologias e condições de trabalho mais refinadas.

A preservação da história, cujo entendimento e maior significado foram, no Brasil, descuidados por algum tempo, vem sendo melhor compreendida e, por isso mesmo, exercitada com maior denodo. A memória de um povo é o seu próprio retrato e o caminho do entendimento das suas mutações. A história distorcida figura como

grande fraude e a sua perda como crime irreparável. As Academias procuram, tanto quanto possível, evitar que tais danos se verifiquem. A imortalidade concebida por este ângulo, nos distingue e engrandece.

Mas, nas Academias não reverenciamos e relembramos apenas as vidas e feitos dos seus participantes. Constitui-lhe função, igualmente, a reverência a nomes exponenciais da medicina nacional e internacional, quando realizamos sessões comemorativas aos aniversários de nascimento, de morte, ou de descobertas que mudaram os rumos da medicina. Então, o conceito de imortalidade aqui exarado transcende os nossos quadros, lembrando e exaltando figuras do passado que nos legaram conhecimentos capazes de permitir o estágio de desenvolvimento no qual nos encontramos. Para a juventude, este é um exemplo que há de frutificar e atrair novos acólitos, mantendo-se a cadeia sucessória de conhecimentos.

Pelo sentido que imprimimos a este tema, depreende-se que duas preocupações básicas são exaradas. A homenagem aos nossos predecessores, com a manutenção da memória histórica, e o acompanhamento, estímulo mesmo, a novos avanços do conhecimento.

Com esta última postura, pretendemos transmitir uma mudança do conceito de Academia, não aceitando como o tido outrora, de submissão às concepções estáticas, "imobilizadas e alheias a novas correntes de expressão". Como tudo no mundo se transforma e evolui, também o conceito de Academia deverá ser entendido como o respeito ao passado e o conhecimento do presente, com projeções às conquistas futuras. Esta deverá ser a nossa postura atual. Integradas por pessoas de mais idade, conceito e conhecimentos aprofundados, colimados pelo exercício ético dos postulados aceitos, não devemos e não podemos tê-los, na atualidade, como refratários ao novo.

Por serem constituídas por elites médicas, as nossas academias mantiveram-se, por longo tempo, encastoadas em pedestal que as distanciava de outras sociedades e da classe médica em geral. Tal atitude, na nossa visão, é inadmissível e prejudicial a nós próprios, pelo preconceito criado, resultando reações de defesa às academias e, em conseqüência, aos seus membros.

Ao assumirmos a Presidência da Academia de Medicina da Bahia, uma de nossas primeiras preocupações foi a de convidarmos os presidentes e membros do Sindicato dos Médicos, da Associação Baiana de Medicina, do Conselho Regional de Medicina, do Clube dos Médicos e de sociedades científicas locais. Também nos aproximamos de outras Academias, como a de Letras. Quando havia reuniões públicas dessas entidades, mesmo sem sermos convidados na qualidade de Presidente da Academia de Medicina, comparecíamos e nos identificávamos como tal. Vencida a resistência inicial, hoje participamos de todos os eventos e os presidentes dessas entidades têm freqüentado, até, nossas sessões ordinárias.

A divulgação pelos jornais atraindo médicos e estudantes. Sem haver alteração nas características funcionais da Academia, temos tido sessões mais concorridas e

movimentadas, com maior difusão das nossas atividades. Em conseqüência, a disputa às vagas tem sido significativa, havendo até três candidatos, algumas vezes.

Convidamos personalidades nacionais conhecidas, como Silvano Raia e Adib Jatene (que receberam o título de Membro Honorário), Miguel Srougi, Sami Arape e Mário Nápoli, para proferirem conferências. Criamos cinco vagas para Membros Eméritos, a serem escolhidos entre os acadêmicos com mais de 25 anos, que houvessem participado da Diretoria em mais de três períodos e nos houvessem prestado relevantes serviços. Concedemos o título de Benemérito ao ex-Governador Antonio Carlos Magalhães, pelas colaborações por ele prestadas. O acadêmico Thomaz Cruz organizou curso de alto nível, versando sobre Endocrinologia Geriátrica e contamos com dois professores, um de São Paulo e outro do Rio Grande do Sul. Esta é uma fonte de renda que deve ser pensada, além de contribuir para o aperfeiçoamento científico.

Fizemos imprimir dois volumes dos Anais e estamos em via de edição do terceiro. No nosso período administrativo foram admitidos cinco novos membros, em sessões solenes realizadas no Salão Nobre da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, edificado em 1808, com toda a pompa e participação da sociedade, com grande divulgação e repercussão no Estado. Firmamos convênio com a Universidade Federal da Bahia, pondo à sua disposição professores aposentados e necessários aos cursos de pós-graduação, como mecanismo legal para mantê-los no magistério superior. É determinação nossa, a recuperação de um dos salões da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, hoje quase em ruínas, onde funcionará o nosso auditório, com as condições exigidas para uso de métodos áudio-visuais.

Em colaboração com o Diretor da Faculdade Federal de Medicina, solicitamos ao Reitor que a administração do prédio centenário, então alocada na Pró-Reitoria de Extensão, ficasse diretamente subordinada à nossa Faculdade, o que foi aprovado pelo Conselho Universitário. Comemoramos datas significativas, com conferências sobre feitos na área médica e celebramos centenários de nascimento de cientistas ilustres. Inauguramos, solenemente, uma galeria com retratos coloridos de todos os ex-Presidentes, e fomos ao interior do Estado proferir palestras sobre cólera, em cidade duramente atingida pela doença. Em passado recente prestamos homenagens a acadêmicos ilustres. Mantivemos a harmonia e a febril participação de todos na concretização de idéias.

Não! Este não é um relatório de atividades, nem ufanismo inconseqüente. Visa a demonstração de procederes e de ações que poderão gerar, aqui e alhures, atividades e atitudes que concorram para o desenvolvimento de outras academias.

Ocorreu-nos a possibilidade de ampliação do número de sodalícios no Brasil. Como aqui aconteceu, lançada a idéia, foi a mesma abraçada com entusiasmo por um grupo de colegas capazes e realizadores, sendo esta não mais uma, porém uma das academias de maior futuro e das mais atuantes do país, graças à inteligência e à sensibilidade de colegas, que mantêm o prestígio cultural de que goza o povo

paraense no cenário brasileiro. Tivemos igual proceder no Rio Grande do Norte e estamos ultimando as demarches para a fundação da Academia Sergipana de Medicina.

No início desta nossa conversa, referimo-nos às oscilações, verificadas através dos tempos, na formação e funcionamento regular das Academias. Variando, embora, de região para região, houve épocas de estagnação de suas atividades. Entretanto, tomaram impulso em todos os países, a partir da época renascentista, e até hoje se mantêm, com maior regularidade.

No Brasil, vêm adquirindo fôlego, sendo cada vez mais procuradas e prestigiadas, sobretudo com a criação da Federação Brasileira de Academias de Medicina. Hoje dispomos de cerca de doze estaduais e a Nacional, esta sediada no Rio de Janeiro. O movimento se amplia e os sodalícios se aperfeiçoam e se adaptam à contemporaneidade, como maneira de viver e de crescer. No mundo que se massifica pela incontrolável explosão demográfica, e no nosso país, cuja tendência tem se verificado em nivelamento pelo pior, há que reagirmos e nos impormos pelo trabalho e ação bem coordenados, em prol da cultura e da valorização das expressões da inteligência e do saber!

*

OLYMPIO CARDOSO DA SILVEIRA: A TÊMPERA DE UM VITORIOSO*



José Rodrigues da Silveira Netto
Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Olympio Cardoso da Silveira, filho de José Rodrigues da Silveira e Maria dos Anjos Cardoso da Silveira, nasceu aos 12 dias do mês de maio de 1879, no engenho Payayá, Vila Cristina, Sergipe.

Aos dez anos de idade, já alfabetizado, seguiu para Salvador, Bahia, internando-se no renomado Colégio Caldas, onde frequentou o curso primário e estudou as matérias indispensáveis à habilitação ao curso superior, cujos preparatórios, assim denominados, obteve em severos exames no Lyceu da Bahia.

Matriculou-se, a seguir, na Faculdade de Medicina da Bahia, onde se diplomou em Farmácia, depois em Medicina, a 16 de dezembro de 1905. "Da Filária Sanguinis Hominis" foi o título de sua tese para obtenção do grau de Doutor em Medicina, aprovada plenamente.

Diplomado, ambicionando executar o que aprendera em longo e árduo estudo, e não anteendo possibilidades imediatas em Salvador, decidiu, como era hábito entre os formandos de Medicina da Bahia, escolher entre o Sul - São Paulo, principalmente -, como o fizeram vários de seus companheiros de turma, entre os quais Enjolas Vampré e Ovídio Pires de Campos, que se tornaram em breve notáveis professores, ou no Norte, como outros optaram, entre os quais Othon Chateau e Heráclito Sampaio, também vitoriosos na escolha. Não hesitou em preferir o Norte e, segundo sempre afirmava, jamais se arrependeria.

Aportou em Belém a 29 de julho de 1906, viajando pelo vapor "Alagoas", do Lloyd Brasileiro, trazendo consigo o desejo de vencer, a fê no seu destino, e um vasto cabedal de conhecimentos hauridos nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia

* Elogio ao Patrono da Cadeira nº 1, pronunciado a 31 de maio de 1989 e ainda não publicado

de Salvador. No bolso, de seu, cem mil réis; e, emprestado de um cunhado, um conto de réis, quantia que devolveu intacta um mês após a sua chegada a esta formosa Belém.

Desembarcando, hospedou-se no Hotel América, situado na esquina da Conselheiro João Alfredo com a hoje Avenida Portugal; e imediatamente, como era de costume na ocasião, começou a dar consultas na Farmácia do Povo, localizada no térreo do prédio do hotel.

Quiseram os desígnios da Providência que seu primeiro cliente, atendido no dia seguinte ao de sua chegada, um espanhol recém-vindo de sua terra natal, acometido de febre amarela, endêmica na capital do Pará, fosse por ele curado, assim iniciando sua atividade profissional que exerceria, com segurança e maestria, durante mais de sessenta anos.

Não lhe atraía o emprego público, pois o primeiro e único que conseguira - médico de Esquadrão de Cavalaria da Brigada Militar do Estado, sediado na hoje Praça Santos Dumont, foi exercido por escassos trinta dias, demitido que fora por ter passado atestado de incapacidade a um cabo da referida Unidade Militar, portador de grave lesão cardíaca, a cujo afastamento se opunha a autoridade competente.

Desgostoso com a atitude governamental, de cujo ato tomara conhecimento no bonde em que se dirigia à sua faina diária, não mais quis qualquer vínculo com a Administração Pública, muito embora instado várias vezes.

Resolveu perulstrar a Amazônia, atraído pelo fascínio de suas lendas e pelas possibilidades materiais que a borracha proporcionava na ocasião. Ingressou na antiga Companhia do Rio Amazonas, mais tarde transformada na The Amazon River Steam Navigation Company, a ela bem como à sua associada The Port of Pará, emprestando serviços por mais de 47 anos de labor contínuo e árduo.

Durante quinze anos navegou por todos os rios da região, que conhecia como poucos, levando a sua ciência e o seu saber aos mais remotos seringais e obtendo os recursos materiais que lhe proporcionariam vida modesta, porém tranqüila e compensadora para seus hábitos morigerados.

Em 4 de dezembro de 1915, no seringal de meu avô, no alto Purus, casou-se com minha mãe, Violante Alvarez da Silveira, tendo do consórcio dois filhos que educou e encaminhou na senda do trabalho honesto, tendo a satisfação de vê-los ascender profissional e socialmente da mesma profissão que abraçara, e a alegria de celebrar cinquenta anos de vida em comum com a mulher que escolhera para sua companheira.

Na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, há poucos anos criada e instalada, ingressa em fins de 1922, levado por seu grande amigo Renato Chaves da Silva e Souza, que nele via o organizador emérito e o trabalhador capaz, em condições de estruturar administrativamente o recém-fundado estabelecimento de ensino, cujos passos eram, então, bastante trôpegos.

Camillo Salgado assumira, interinamente, a direção da Faculdade e estava empenhado em vê-la progredir. Necessitava, porém, de alguém que a ela se dedicasse

com afinco, organizando sua Secretaria, racionalizando e compatibilizando receita e despesa, e preparando as condições indispensáveis ao reconhecimento oficial, de modo a que os primeiros diplomados já iniciassem profissionalmente com os direitos e prerrogativas concedidos aos que se habilitavam dentro das normas fixadas pelo Governo da República.

Duas condições básicas se impunham: sede condigna e seleção conveniente do alunado. A primeira foi conseguida através subscrição pública e, com a quantia arrecadada, adquirido o prédio que até hoje abriga a antiga Faculdade (hoje Curso de Medicina do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará) e adaptadas as suas instalações a salas de aulas, laboratórios e anfiteatros, essenciais a um ensino eminentemente prático. A proximidade do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará tornava-a privilegiada.

Inicia Olympio da Silveira, com férrea energia, o trabalho. Em 1924 as aulas já são proferidas na sede nova, e em 4 de setembro do mesmo ano o sonho de ver os diplomas por ela expedidos válidos em todo o país torna-se realidade. Em dezembro, os seis primeiros concluintes deixam suas dependências e iniciam seu trabalho profissional aptos a exercê-lo com dignidade, competência e seriedade.

O trabalho prossegue, as instalações tornam-se insatisfatórias, há necessidade de ampliação e o batalhador incansável inicia a primeira das obras que o irão perpetuar como o Grande Construtor do Ensino Médico no Pará. Um pavilhão é erguido e nele se localizam os excelentes laboratórios de Histologia e de Parasitologia e o magnífico Salão Nobre onde se reunia a Congregação dos Professores. Pouco depois o Instituto de Anatomia, em seguida o salão da Diretoria e a Biblioteca, após o Pavilhão Lauro Magalhães, com um confortável auditório, durante muitos anos único existente em Belém, duas salas de aulas e os laboratórios de Fisiologia e de Química Fisiológica. As obras de expansão continuam, com um moderno Biotério e o Instituto de Higiene e Medicina Preventiva.

A estrutura física da Faculdade, para a época, estava concluída. A educacional, há muito, graças à sua vigilante atuação, situava a Faculdade do Pará entre as melhores do país, na ministração de um ensino médico eficiente e objetivo.

Com a federalização, pela qual lutara heroicamente, defendendo os direitos de professores e pessoal administrativo do esbulho tão comum em ocasiões semelhantes - e o arquivo da Faculdade pode testemunhá-lo - chegou ao término de sua missão no ensino superior, atingido pela compulsória. Deixava a sua querida Faculdade, ciente e consciente de que não fora em vão a sua temida e falada intransigência em matéria financeira, o seu desvelo pelo ensino, a sua dedicação a tudo quanto se referia à administração da Faculdade de Medicina.

Ao lado do administrador, deve ser evidenciada a sua tendência para a profissão que escolhera e que exerceu com rara proficiência. Como clínico geral - generalista, no dizer de hoje - procurou mitigar os sofrimentos daqueles que o procuravam, não só nos altos rios da Amazônia, como também nas enfermarias da

Santa Casa, onde diária e matinalmente comparecia; na direção do Hospital dos Marítimos e nos bairros de Belém, sobretudo nos mais pobres, onde residiam, habitualmente, os seus pacientes.

Pela política incursionou ligeiramente, militante que foi do antigo Partido Republicano Conservador, pelo qual disputou em 1930, a insistentes pedidos de seu grande amigo Pedro Chermont de Miranda, um lugar de Vogal do Conselho Municipal de Belém, tendo sido eleito por expressiva votação. Foi depurado, porém, como era comum na Velha República aos que não pertenciam ao partido dominante, o Republicano Federal. Não se lamentou, pois não tinha vocação política. Apenas atendera à solicitação do Chefe e amigo, que assim desejava premiar sua lealdade partidária. A Revolução de 30, extinguindo os órgãos legislativos e partidos políticos, proporcionou-lhe o motivo de não mais se filiar a qualquer agremiação do gênero.

Ao retirar-se da vida pública, para gozar o *otium cum dignitate*, recebeu inequívocas e numerosas manifestações de carinho. A Faculdade de Medicina, unanemente, concedeu-lhe o título de Professor Emérito e denominou o Instituto de Higiene, sua última obra, Instituto Olympio da Silveira. O Governo do Estado, na Administração Aurélio do Carmo, outorgou-lhe a Medalha de Serviços Relevantes. A Prefeitura Municipal de Belém, a Medalha Comemorativa dos 360 Anos de Fundação da Cidade; e a Assembléia Legislativa, o título *post-mortem* de Cidadão do Pará.

Faleceu a 9 de agosto de 1968, com mais de 89 anos de idade, certo de que cumpriu com o seu dever de filho amantíssimo, esposo dedicado, pai extremoso, cidadão de conduta inatacável, de hábitos morigerados, afável com seus semelhantes, amigo de seus amigos, rígido com a coisa pública, metucioso em seu trabalho, exigente no cumprimento do dever.

Foi, sem dúvida, um vitorioso.

*

A FILARIOSE BANCROFTIANA EM BELÉM*

Habib Fraiha Neto

Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Introdução

Era grave, em meados deste século, a situação da bancroftose na capital do Pará. Filariose de origem asiática, importada da África para o Novo Mundo com o tráfico de escravos, aqui se adaptara, perfeitamente, graças à presença do mosquito *Culex quinquefasciatus* Say, 1823 (Diptera, Culicidae).

Essa espécie, por longos anos conhecida no Brasil como *Culex pipiens fatigans* (denominação hoje preterida por prioridade cronológica da outra), já era então reconhecida como o melhor de seus vetores e, precisamente, a grande responsável pela transmissão da filariose bancroftiana nas Américas (Rachou, 1956; 1957a). Embora outras espécies de mosquitos houvessem sido também encontradas com infecção natural em nosso país (*Anopheles darlingi*, *A. aquasalis*, *A. bellator* e, possivelmente, *Aedes scapularis* - as duas primeiras já com formas infectantes do parasito), estes dípteros são considerados seus transmissores secundários, de responsabilidade epidemiológica apenas decorrente de altos índices de microfilarémia assegurados pelo vetor principal (Rachou, 1957a).

Sua capacidade vetora, resultante de uma série de características comportamentais nele reunidas todas em alto grau (acentuada domiciliaridade e antropofilia, grande susceptibilidade à infecção pela *Wuchereria*, longevidade bem superior à necessária ao desenvolvimento de formas infectantes do parasito (Rachou, 1956), contava ainda, no caso específico de Belém, com uma extraordinária densidade populacional, de há muito tida como autêntico pesadelo para os habitantes da cidade. Vejam-se as expressões de Emilio Goeldi, em sua obra memorável sobre **Os Mosquitos no Pará**: ...“horroroso flagello nocturno aqui em Belém, nas habitações humanas de certas partes da cidade.” ...“insupportavel inimigo do nosso socego nocturno...” ...“é simplesmente pasmosa a frequencia d' este insolente carapanã nocturno: no bairro de Nazareth elle, em nuvens de myriades, assalta as casas, nas

* Texto original submetido à Reunião sobre Saúde e Meio Ambiente promovida pela Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, setembro de 1991, com o fim de subsidiar propostas daquela instituição à Conferência RIO-92. Sua versão para o inglês, iniciativa da FIOCRUZ, saiu publicada nos **Cadernos de Saúde Pública**, periódico científico de responsabilidade da Escola Nacional de Saúde Pública (v. 9, n. 4, p. 458-465, out./dez. 1993).

primeiras horas da noite, invadindo por janelas e portas, esbarrando qual farinha jogada a todo momento... contra o nosso rosto." ... "A muzica ou zumbido produzido simultaneamente por milhares de carapanãs voando e fazendo verão, n'um quarto escuro, é capaz de fazer arrepiar-nos o cabelo!" ... "Aos milhares os temos todas as noites nos quartos de dormir e se centenas matamos por via de regra - lembro-me que certa noite matou-se, n'um só quarto, em pouco tempo nada menos do que 143 individuos d'este carapanã - sobram muitas centenas ainda, aptas a tornar um verdadeiro supplicio a noite..." (Goeldi, 1905).

Quase quarenta anos depois, pesquisadores do Instituto Evandro Chagas realizando os primeiros estudos de incidência e transmissão de *Wuchereria bancrofti* em Belém, constatavam a ainda "extrema abundância" da espécie em toda a cidade. Referem que, em capturas de rotina feitas nos dormitórios de 1.641 prédios da capital pelo pessoal do serviço de controle de mosquitos, durante os primeiros sete meses do ano de 1943, coletaram-se 548.262 espécimes, perfazendo, pois, u'a média de 334 mosquitos por casa. Deles, mais de 99% eram "*Culex fatigans*". Registram ainda que nos meses de abril e maio essa média elevou-se, respectivamente, a 585 e 509 mosquitos por casa (Causey *et al.*, 1945) - considerada das mais expressivas da densidade domiciliária da espécie no Brasil (Rachou, 1956). Como agravante, um índice de infecção natural por *Wuchereria*, de 11,6% - o que significa que durante aquele mês de abril ocorrerá u'a média de 67 fêmeas infectadas em cada casa! (Causey *et al.*, 1945).

Mais ou menos à mesma época, Amílcar Vianna Martins, ao que consta autor do primeiro inquérito de bancroftose em Belém (Deane & Damasceno, 1952), dissecando 81 espécimes de *Culex* encontrava 19 infectados - um índice de infecção natural de 23,45% (*apud* Costa, 1954).

Outra pesquisa, posteriormente levada a efeito por Deane em 20 casas de dois bairros de Belém (Marco e Pedreira), entre junho de 1948 e junho de 1949, revelaria u'a média horária mensal de 109,2 exemplares da espécie, que correspondia a mais de 99,9% dos mosquitos coletados. A média horária mensal mais alta observada - 258,6 - foi igualmente registrada em março, no cume da estação das chuvas. A média horária mais baixa, de dezembro, foi ainda elevada: 58,6. A espécie mostrava-se, assim, freqüente durante o ano todo nos bairros estudados, sugerindo que para seu controle haveria necessidade de mais de uma aspersão por ano com os inseticidas disponíveis. (Deane, 1951)

Quanto ao estado da endemia filariótica, propriamente, os resultados dos primeiros inquéritos aí realizados haviam caracterizado, sobejamente, a importância sanitária do problema: 8,05% de 472 praças baixados por motivos os mais variados ao Hospital Militar de Belém, portando microfilárias (Martins, 1945 *apud* Costa, 1954); 12% de portadores de microfilaremia e/ou elefantíase, entre 5.000 habitantes da cidade examinados de novembro de 1942 a dezembro de 1943 (Causey *et al.*, 1945); e 9,8% dos 8.529 habitantes examinados em 1951, igualmente positivos (Deane & Damasceno, 1952).

Esse ligeiro decréscimo pareceu atribuível às detetizações domiciliárias feitas desde 1946 em boa parte da cidade para controle da malária. Mesmo assim havia bairros, como os de Guamá e Canudos juntos, com um índice de positividade de 14,5% (Deane & Damasceno, 1952). E nada, ou quase nada, vinha sendo feito para reprimir a expansão local da endemia (Scaff & Gueiros, 1969).

Todos esses resultados acima referidos acabaram por fazer de Belém a escolha lógica para campo da primeira tentativa de controle da filariose bancroftiana no Brasil. Quis o Ministério da Educação e Saúde fosse ela efetuada pelo então Serviço Nacional de Malária (Deane & Damasceno, 1952; Scaff & Gueiros, 1967). Os trabalhos iniciaram em 1952, pelo combate às formas aladas do transmissor com o BHC (hexaclorobenzeno), inseticida de ação residual, e pelo tratamento dos portadores de microfilárias com a dietilcarbamazina (Scaff & Gueiros, 1967; Franco & Silva Lima, 1967).

Inquérito realizado no mesmo ano pelo SNM trouxe à luz dados mais estarrecedores ainda que os de todos os que o precederam: 19,9% da população de Belém com microfilárias (!) - praticamente 1 em cada 5 habitantes - o que equivalia a dizer estar sendo estimado em 50 mil o número de individuos infectados e em 2.500 o de já deformados pela elefantíase (Rachou, 1957a). Era comum, então, ver pacientes pelas ruas, mal disfarçando sua deformidade.

No ano seguinte, atestada a reduzida eficácia do BHC quando aplicado com o intuito de aproveitamento de sua ação residual, optou-se pelo controle das formas aquáticas do vetor. Mas, dado o vulto das despesas, não foi possível fazer uso de ciclos semanais, como recomendado em função do tempo de evolução total do mosquito, de ovo a adulto: parte da cidade passou a ser coberta em ciclos quinzenais, outra em ciclos mensais. (Scaff & Gueiros, 1967)

Em 1955, com o Dieldrin, surgiram novas esperanças de combate aos adultos. Em pouco tempo, porém, restava também demonstrada a ineficácia específica do produto contra o *Culex*.

A partir de 1956 foram abandonadas as pretensões de combate ao vetor em Belém, tanto em sua forma alada, por não haver sido encontrado um inseticida eficaz, quanto nas formas aquáticas, pelo custo proibitivo de uma campanha antilarvária, indispensavelmente contínua e em ciclos semanais. As atenções voltavam-se todas, então, para o homem, a fonte de infecção. O método: colheita noturna de amostra de sangue, de grande parte da população, para pesquisa de microfilárias; tratamento gratuito, com dietilcarbamazina, de todos os casos positivos constatados; e educação sanitária. (Scaff & Gueiros, 1967)

Os resultados dessa campanha podem ser vistos na Tabela adiante:

TABELA I

RESULTADOS DOS INQUÉRITOS HEMOSCÓPICOS PARA PESQUISA DE MICROFILÁRIAS DE *WUCHERERIA BANCROFTI* REALIZADOS NA CIDADE DE BELÉM DE 1951 A 1990

Ano	Pessoas Examinadas		Pessoas com microfilárias	
	Número	%Pop.Ex.	Número	%
1951	8.588	-	845	9,8
1952	31.625	-	6.306	19,9
1953	49.417	-	6.721	13,6
1954	43.824	-	4.148	9,5
1955	45.501	-	5.595	12,3
1956	67.021	-	5.953	8,9
1957	163.579	-	13.826	8,5
1958	215.579	-	14.231	6,6
1959	238.943	-	13.012	5,4
1960	274.763	-	10.713	3,9
1961	227.016	-	9.737	4,3
1962	242.183	-	8.110	3,3
1963	308.835	-	9.110	2,9
1964	278.678	-	6.828	2,5
1965	264.850	75,1	4.566	1,7
1966	243.597	62,2	4.379	1,8
1967	222.649	52,1	4.353	1,9
1968	195.675	38,1	2.471	1,3
1969	192.765	33,5	2.596	1,2
1970	339.882	60,4	3.862	1,1
1971	291.508*	51,5	2.540*	0,9
1972	316.835	55,7	2.753	0,9
1973	230.809	36,0	2.283	0,9
1974	216.412	31,3	2.027	0,9
1975	186.953	25,8	2.338	1,2
1976	345.853	44,6	2.668	0,8
1977	670.174	86,6	3.657	0,5
1978	547.781	68,7	2.184	0,5
1979	538.361	55,3	1.733	0,3
1980	553.782	56,6	1.723	0,3
1981	423.226	42,5	1.114	0,3
1982	376.425	46,0	1.003	0,3
1983	347.605	38,8	705	0,2
1984	285.031	31,1	322	0,1
1985	326.698	35,7	324	0,09
1986	310.458	31,7	216	0,06
1987	304.704	31,5	117	0,04
1988	279.152	27,3	90	0,03
1989	232.200	18,9	79	0,03
1990	225.674	18,4	71	0,03

FONTE: FNS (Diretoria Regional/PA)

* Dados diversos daqueles fornecidos pela SUCAM em 1977: 345.663 e 3.117, respectivamente. O índice, porém, é o mesmo: 0,9% (Friaibe, 1977)

Foi, assim, apreciável a queda progressiva e sistemática dos índices de microfilaremia em Belém, praticamente à custa exclusiva do tratamento das fontes de infecção, realizado de modo sério e competente pelo Serviço Nacional de Malária, depois pelo DNERu e, finalmente, pela SUCAM.

Outros municípios paraenses outrora atingidos, como Soure, Cametá e Vigia (Scaff & Gueiros, 1967), são hoje considerados focos extintos, restando circunscrito o problema à área metropolitana de Belém, onde tudo indica que a endemia caminha também para a extinção, graças, sobretudo, à manutenção de um trabalho contínuo e de cobertura razoável das áreas prioritárias. (Workshop Nacional sobre Filariose Bancrofti, 1989)

Estamos, portanto, aparentemente a um passo da erradicação e bem que valeria acolher, de todo, as recomendações finais do Workshop Nacional de Recife, investindo também no controle do vetor, através de manejo ambiental para eliminação dos criadouros, particularmente agora com o advento de proposta alternativa de baixo custo e altíssimo rendimento, a par de notáveis avanços no campo do controle biológico das formas aquáticas, com microrganismos entomopatogênicos.

Novas propostas de controle do vetor

O problema do desenvolvimento sempre crescente do fenômeno da resistência de insetos de interesse médico ou econômico aos inseticidas químicos, bem como a pressão dos ecologistas em defesa do meio ambiente, têm exigido nas últimas décadas a busca incessante de soluções alternativas. No caso específico do controle das populações de *Culex quinquefasciatus* surgiram algumas propostas valiosas, dentre as quais podemos destacar:

1. Controle biológico por meio de bactérias entomopatogênicas

Microrganismos do gênero *Bacillus*, especialmente algumas cepas de *B. thuringiensis* e *B. sphaericus*, produzem potentes toxinas para larvas de *Culex quinquefasciatus*.

Larvicidas baseados no sorotipo H-14 do *Bacillus thuringiensis* var. *israelensis*, por exemplo, têm demonstrado altos níveis de eficácia contra larvas de mosquitos e simúlideos (borrachudos) de diversas regiões do globo (Canadá, Cuba, Tcheco-Eslôvaquia, Egito, República Federal Alemã, França, Israel, Costa do Marfim, Nigéria, Suíça, União Soviética, Estados Unidos e Iugoslávia (W.H.O., 1979). Seu efeito larvicida decorre de notáveis propriedades de sua Delta-toxina cristalina: rápida toxicidade; amplo espectro de ação sobre insetos vetores, mesmo em baixas concentrações; inocuidade para o homem e para outras espécies animais não visadas, inclusive os inimigos naturais das larvas (Wickremesinghe & Mendis, 1981). Essa alta especificidade (Lacey & Singer, 1982) e a absoluta isenção de danos ao meio

ambiente, constituem algumas de suas grandes vantagens sobre os inseticidas químicos (Popiel & Olkowski, 1990). Consta, porém, que sua ação é de curta duração (apenas alguns dias), requerendo freqüentes ressemeaduras nos criadouros.

Certas cepas de *Bacillus sphaericus*, como a 1593, a 2362 e 2297 (sorotipo 25) têm-se mostrado mais potentes ainda que o *Bacillus thuringiensis* (H-14) contra o *Culex quinquefasciatus* e têm sobre ele a vantagem de persistirem por mais tempo sob condições naturais e a capacidade de reciclar em natureza (Lacey & Singer, 1982; Mulla *et al.*, 1984; Lacey *et al.*, 1988).

Sabe-se que a eficácia desses agentes é, porém, influenciada por fatores ambientais, tais como a qualidade da água dos criadouros, sua riqueza em nutrientes, temperatura, densidade larvária, etc. (Mulla *et al.*, 1985).

A exigüidade do tempo disponível para este levantamento não nos permitiu acesso a grande parte da hoje extensa literatura sobre experiências de controle biológico com esses microrganismos. Parece-nos muito provável a existência de novos conceitos e outros dados de interesse para o contexto, tais como os resultados de pesquisas levadas a efeito em nosso país, dos quais só temos conhecimento daqueles de Lacey & Lacey (1981), referentes a ensaios de laboratório com o *Bacillus thuringiensis* var. *israelensis* (IPS-78), contra o *Culex quinquefasciatus* e outras espécies de mosquitos dos arredores de Manaus.

2. Bolinhas expandidas de poliestireno (EPB)

Em 1978 surgiu uma nova e revolucionária proposta de controle de populações de *Culex quinquefasciatus*, que por sua simplicidade e baixo custo lembra-nos sempre a velha história do "ovo de Colombo": a de utilização de bolinhas de poliestireno (isopor) derramadas sobre a superfície líquida de fossas sépticas e de privadas estanques, classicamente reconhecidas como excelentes criadouros da espécie, de modo a formar uma cobertura flutuante de uns 5 cm de espessura, constituída de múltiplas camadas, visando, ao mesmo tempo, impedir o acesso de fêmeas para a oviposição, a emergência de adultos, e a própria sobrevivência de larvas e pupas. As primeiras duas ou três camadas ficam em contato com a água; as de cima, porém, permanecem secas e se acomodam com facilidade após qualquer agitação, de modo que sólidos e líquidos a ultrapassam sem deixar soluções de continuidade. (Reiter, 1978)

Embora as EPBs sejam levíssimas, o transporte de grandes volumes a longas distâncias poderia redundar em custos proibitivos, daí a recomendação de que elas sejam originalmente bem pequeninas, de um tamanho semelhante ao do açúcar granulado, para serem posteriormente expandidas pelo calor em água em ebulição, durante 5 minutos, por exemplo, já nas proximidades do local de aplicação (Reiter, 1985; Curtis & Minjas, 1985; Maxwell *et al.*, 1990). O diâmetro médio ideal das bolinhas expandidas é de 2 mm (Curtis *et al.*, 1986, *apud* Maxwell *et al.*, 1990).

A aplicação pode ser manual ou mecânica, utilizando-se um dispositivo de pulverização por meio de ar comprimido (Reiter, 1978).

Numa primeira experiência em laboratório a idéia foi posta em prática com resultados animadores, sugerindo sua utilidade em criadouros de água parada, desde que assegurada a proteção contra o vento, a fim de evitar a dispersão (Reiter, 1978).

Experiências de campo realizadas na Tanzânia e no Quênia, no leste da África (Curtis & Minjas, 1985; Reiter, 1985; Maxwell *et al.*, 1990), em Zimbábue, ainda na África, por Morgan e Mara (*apud* Reiter, 1985), e nos Estados Unidos da América (*apud* Curtis & Minjas, 1985), resultaram muito bem sucedidas. Em Makunduchi, na ilha de Zanzibar (Tanzânia), por exemplo, pesquisa feita antes da aplicação do método estimara em cerca de 24.993 o número de picadas de mosquitos recebidas no período de um ano por cada indivíduo da população local. Após a introdução das bolinhas de poliestireno em todas as fossas infestadas a densidade dos adultos decresceu tão excepcionalmente que essa média foi reduzida a cerca de 439 (Maxwell *et al.*, 1990).

As EPBs são biologicamente inertes, não deterioram na água e são de fácil obtenção em muitos países. Além disso não correm qualquer risco de esbarrar, um dia, em problemas de resistência (Reiter, 1978).

Discussão e recomendações

Ora, dada a insuficiência da rede de esgotos sanitários de Belém, um percentual elevadíssimo de suas casas são providas de fossas sépticas, muitas com defeitos de vedação. A maioria dos focos da cidade é representada, justamente, pelas fossas (Scaff & Gueiros, 1967).

Nada mais adequado, portanto, que uma recomendação expressa do uso de EPBs nas fossas sépticas e privadas estanques de Belém, como parte de um programa efetivamente integrado de combate à filariose, programa que poderia, e deveria até, contar com a participação da comunidade e da Prefeitura Municipal. A esta, competiria o incremento de obras de saneamento, com vistas à eliminação de criadouros naturais (drenagem de valas e outras coleções de água parada passíveis de serem enriquecidas com matéria orgânica, tais como boeiros entupidos, sarjetas mal construídas ou danificadas, etc.) (Forattini, 1965).

Além do muito que haveria de contribuir para u'a mais pronta erradicação dessa endemia de nossa cidade, há tanto tempo em vão proposta (Scaff & Gueiros, 1969; Fraiha, 1977), já redundaria, por si só, em inestimável benefício social à população, ainda às voltas com grandes desconfortos decorrentes da densidade populacional de *Culex quinquefasciatus*.

Por outro lado, resta-nos a convicção de que o emprego de uma dessas cepas de *Bacillus* já comprovadamente eficaz e disponível no mercado, há de constituir

mais uma arma valiosa para assegurar o êxito dessa campanha, que entendemos mais oportuno agora recomendar ao discernimento de nossos governantes, dirigentes institucionais e lideranças políticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAUSEY, O.R.; DEANE, M.P.; COSTA, O. & DEANE, L.M. Studies on the incidence and transmission of filaria *Wuchereria bancrofti* in Belem, Brazil. *Amer. J. Hyg.*, **41**: 143-149, 1945.
- COSTA, O.R. Contribuição ao conhecimento da filariose na Amazônia. *Rev. Serv. Esp. Saúde Públ.*, **8**: 329-422, 1954.
- CURTIS, C.F. & MINJAS, J. Expanded polystyrene for mosquito control. *Parasitol. Today*, **1**: 36, 1985.
- DEANE, L.M. Observações sobre alguns hábitos dos adultos de *Culex fatigans*, o principal transmissor da filariose em Belém, Pará. *Rev. Serv. Esp. Saúde Públ.*, **4**: 423-464, 1951.
- DEANE, L.M. & DAMASCENO, R.G. A filariose bancroftiana em Belém, Pará, segundo inquérito realizado em 1951. *Rev. Bras. Malariol. Doenças Trop.*, **4**: 333-346, 1952.
- FORATTINI, O.P. *Entomologia médica*. S.Paulo, Universidade de São Paulo, v.2, p.35-87, 1965.
- FRAIHA, H. Panorama atual das parasitoses na Amazônia. *Rev. Fund. SESP*, **22**: 7-20, 1977.
- FRANCO, O. & SILVA LIMA, D.M. Alguns aspectos das atividades contra a filariose bancroftiana no Brasil. *Rev. Bras. Malariol. Doenças Trop.*, **19**: 73-89, 1967.
- GOELDI, E.A. *Os Mosquitos no Pará*. Wiegandt, Belém, 154p + 5 est. [Mem. Mus. Goeldi, **4**: 1-154], 1905.
- LACEY, L.A. & LACEY, J.M. The larvicidal activity of *Bacillus thuringiensis* var. *israelensis* (H-14) against mosquitoes of the Central Amazon Basin. *Mosquito News*, **41**: 266-270, 1981.
- LACEY, L.A.; LACEY, C.M.; PEACOCK, B. & THIERY, I. Mosquito host range and field activity of *Bacillus sphaericus* isolate 2297 (serotype 25). *J. Am. Mosq. Control Assoc.*, **4**: 51-56, 1988.
- LACEY, L.A. & SINGER, S. Larvicidal activity of new isolates of *Bacillus sphaericus* and *Bacillus thuringiensis* (H-14) against anopheline and culicine mosquitoes. *Mosquito News*, **42**: 537-543, 1982.
- MAXWELL, C.A.; CURTIS, C.F.; HAJI, H.; KISUMKU, S.; THALIB, A.I. & YAHYA, S.A. Control of Bancroftian filariasis by integrating therapy with vector control using polystyrene beads in wet pit latrines. *Trans. Roy. Soc. Trop. Med. Hyg.*, **84**: 709-714, 1990.
- MULLA, M.S.; DARWAZEH, H.A.; DAVIDSON, E.W.; DULMAGE, H.T. & SINGER, S. Larvicidal activity and field efficacy of *Bacillus sphaericus* strains against mosquito larvae and their safety to nontarget organisms. *Mosquito News*, **44**: 336-342, 1984.
- MULLA, M.S.; DARWAZEH, H.A.; EDE, L.; KENNEDY, B. & DULMAGE, H.T. - Efficacy and field evaluation of *Bacillus thuringiensis* (H-14) and *B. sphaericus* against floodwater mosquitoes in California. *J. Am. Mosq. Control Assoc.*, **1**: 310-315, 1985.
- POPIEL, I. & OLKOWSKI, W. Biological control of pests and vectors: pros and cons. *Parasitol. Today*, **6**: 205-206, 1990.
- RACHOU, R.G. Transmissores da filariose bancroftiana no Brasil. *Rev. bras. Malariol. Doenças trop.*, **8**: 267-279, 1956.
- RACHOU, R.G. Considerações sobre o combate à filariose bancroftiana no Brasil. *Rev. bras. Malariol. Doenças trop.*, **9**: 527-536, 1957.
- REITER, P. Expanded polystyrene balls: an idea for mosquito control. *Ann. Trop. Med. Parasitol.*, **72**: 595-596, 1978.
- REITER, P. A field trial of expanded polystyrene balls for the control of *Culex* mosquitoes breeding in pit latrines. *J. Am. Mosq. Control Assoc.*, **1**: 519-521, 1985.
- SCAFF, L.M. & GUEIROS, Z.M. Prevalência e controle da filariose no Pará: estado atual. *Rev. Bras. Malariol. Doenças Trop.*, **19**: 245-252, 1967.
- SCAFF, L.M. & GUEIROS, Z.M. Erradicação da filariose. *Rev. Bras. Malariol. Doenças Trop.*, **21**: 603-613, 1969.
- W.H.O. Biological control of disease vectors. *Bull. Wld. Hlth. Org.*, **57**: 911-912, 1979.
- WICKREMESINGHE, R.S.B. & MENDIS, C.L. Evaluation of *Bacillus thuringiensis* var. *israelensis* and *Bacillus sphaericus* 1593 on Sri Lankan strains of larval *Culex quinquefasciatus*. *Mosquito News*, **41**: 558-559, 1981.
- WORKSHOP NACIONAL SOBRE FILARIOSE BANCROFTI, Recife, 31 de maio a 2 de junho de 1989. [Documento Final] 14p. - não publicado.

*

ADENDA

A propósito desse texto, o Grupo de Trabalho a que competiu o estudo de propostas alusivas ao tema **Filariose**, na **Reunião sobre Saúde e Meio Ambiente** promovida pela Fundação Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro, em setembro de 1991, com o intuito de subsidiar a proposta institucional à **Conferência RIO-92**, concluiu pela formulação das seguintes **RECOMENDAÇÕES FINAIS**, sobre **Bancroftose**:

"Após discussão das propostas individualmente formuladas pelos membros do grupo, decidiu-se pela conveniência de recomendar aos órgãos a que competem as ações de controle dessa endemia no Grande Recife e na Grande Belém, a instituição de um programa integrado de controle do vetor e das fontes de infecção, assim definido:

1. Diagnóstico e Tratamento das Fontes de Infecção (competência da Fundação Nacional de Saúde)

Recomenda-se o aperfeiçoamento da metodologia, mediante observação de uma coleta de amostra de sangue mensurada de, no mínimo, 60 ml (3 gotas espessas), a fim de assegurar um levantamento mais preciso dos índices de infecção;

2. **Controle mecânico de determinados tipos de criadouros de *Culex quinquefasciatus*** (fossas sépticas e latrinas com conteúdo líquido, não sujeitas a inundação), com bolinhas expandidas de poliestireno (isopor) (também competência da FNS)

3. **Controle biológico de criadouros a céu aberto** (valas, bocas de lobo, poças, calçadas quebradas, alagados poluídos etc.) com *Bacillus sphaericus*. (também competência da FNS)

Quanto a isso, o grupo recomenda estimular ou incrementar a produção local, quer pela EMBRAPA, quer pelas Universidades.

4. **Obras de Saneamento Básico** (competência das Prefeituras Municipais, de Secretarias de Obras e Saneamento ou afins)

Construção de canaletas, reparo de calçamentos, drenagem de valas, escoamento de águas servidas, limpeza de canais etc.

5. **Educação em Saúde** (competência das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde Pública)

Instruções sobre o ciclo biológico do parasito e do vetor, orientação para conserto de fossas mal vedadas (reparo de tampas quebradas), telagem de suspiros de fossas, telagem de portas e janelas etc.

6. **Envolvimento da comunidade**
- em atividades de educação sanitária
- no monitoramento dos focos

7. **Proscrição do uso de inseticidas químicos**, porquanto ineficazes contra o *Culex* e prejudiciais ao homem e ao meio ambiente.”

*

A REVOLUÇÃO DA HEMOTERAPIA NO PARÁ. O HEMOPA*

João Carlos Pina Saraiva

Presidente da Sociedade Brasileira de Hematologia e Hemoterapia
Coordenador Regional Norte da Coord. de Sangue e Hemoderivados do Ministério da Saúde

A Hemoterapia paraense já tem História para contar.

Os pioneiros, médicos que se ocupavam sobretudo da Anestesia, da Cirurgia ou de Análises Clínicas, depois da transfusão braço a braço, tinham a preocupação primeira de não deixar o sangue coagular nos frascos de vidro reaproveitáveis, contendo citrato de sódio. As noções de imunologia de grupo sanguíneo e do sistema ABO, descritas por Landsteiner, eram as únicas observadas. O sistema Rh, descoberto na década de 40, levaria ainda alguns anos para ser utilizado rotineiramente entre nós.

Com o retorno da Dra. Maria José Ferreira e Ferreira - primeira médica imunohematologista em nosso Estado - de seu curso de especialização em São Paulo, a hemoterapia adquiriu contornos científicos, com a introdução de novas técnicas imunológicas, a transfusão sendo realizada somente após as provas recomendadas. A Dra. Maria José Ferreira foi também a pioneira na realização de exsangüineotransfusões, procedimento complicado, à época, e que permitiu a recuperação de muitos pacientes, principalmente recém-nascidos portadores de doença hemolítica perinatal.

Já na década de 60, entretanto, o Governo brasileiro se via às voltas com graves problemas no sistema de coleta e transfusão de sangue no Brasil. O sistema de coleta era baseado na remuneração em espécie, do doador de sangue, sem nenhum controle por parte dos serviços de hemoterapia, então denominados bancos de sangue. Apesar da constatação de que o sangue era veículo de transmissão de doenças infecciosas, principalmente a hepatite B, a sífilis e a doença de Chagas, não eram realizados os exames sorológicos considerados obrigatórios, na maioria dos bancos de sangue do país.

Nas décadas de 60 e 70 o sistema transfusional brasileiro funcionava totalmente livre de controle governamental, o Governo, por sua vez, não exercendo eficiente vigilância sanitária.

* Palestra proferida em sessão especial da Academia de Medicina do Pará realizada à noite de 17 de agosto no Auditório do HEMOPA.

O quadro era negro: doadores profissionais "viciados" em doar sangue, sem observar os preceitos de higiene e os intervalos recomendados entre as doações; sangue coletado e transfundido sem critérios técnicos e higiênicos; nas regiões endêmicas de doença de Chagas, a transfusão de sangue representava um dos mecanismos mais freqüentes de transmissão.

Em 1976, o Dr. Francisco Antonácio, do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, incumbido pelo Ministério da Saúde, visitou quase todos os Estados brasileiros, fazendo um levantamento da situação e do modo de funcionamento dos bancos de sangue, públicos e privados.

A 3 de dezembro de 1976 apresentou ele ao Ministro da Saúde o Relatório das visitas, fazendo um histórico da hemoterapia brasileira e propondo a implantação de um Programa Nacional de Sangue, que previa a criação de Centros de Hemoterapia em todas as capitais estaduais. Os Centros Regionais de Hemoterapia seriam os órgãos executivos de atividades hemoterápicas preconizadas por uma nova política de sangue que, gradualmente, deveria substituir o sistema comercial de abastecimento então vigente.

Diz o documento: "Para cumprir este objetivo, os Centros serão estruturados para colher e processar sangue obtido de doadores voluntários, altruístas e de reposição, dentro de moldes condizentes com os modernos padrões técnicos da hemoterapia. Serão providos de sistema de armazenamento e de distribuição de sangue e de seus componentes, para o pronto e adequado provimento das necessidades da região onde forem instalados".

Eram também especificados, de acordo com a complexidade do centro de hemoterapia, os equipamentos, material permanente e de consumo.

Em novembro de 1977 foi inaugurado o Centro de Hematologia e Hemoterapia de Pernambuco, primeiro hemocentro do Brasil, construído com recursos dos Governos Estadual e Federal, e do Governo Francês.

O Estado do Pará era, então, governado pelo Prof. Aloysio da Costa Chaves, que tinha como Secretário de Saúde o Prof. Manuel Ayres, uma das autoridades visitadas pelo Dr. Francisco Antonácio, quando de sua passagem por Belém. O Dr. Ayres logo se entusiasmou pela idéia da criação de um centro de hemoterapia e convidou a Dra. Regina Glória Ferreira de Souza, médica hematologista, para assumir os encargos necessários. A Dra. Regina declinou do convite, indicando o meu nome para substituí-la.

Jamais esquecerei uma tarde de dezembro de 1977, quando, às 14 horas, recebi na cidade de São Paulo, onde fazia minha especialização, um telegrama do Secretário de Saúde convidando-me a retornar para a nossa cidade com o objetivo de criar o Centro de Hemoterapia. Até então, nunca ouvira falar no programa de sangue e não tinha, sequer, idéia do que se tratava. Mas, após alguns dias aceitei o convite.

Passei os anos de 1978 e 79 visitando outros Estados e montando o esquema técnico-administrativo, adquirindo o equipamento e outros materiais, procurando um imóvel para alugar, que serviria de sede, selecionando e capacitando pessoal, etc.

O Decreto-Lei nº 10.741, de 2 de agosto de 1978, publicado no D.O.E. nº 23.823, de 4 do mesmo mês, instituiu a Fundação Centro Regional de Hemoterapia do Pará (FUNEPA), entidade de direito privado. Estava, assim, criado o segundo hemocentro do país.

Em novembro de 1979 iniciamos nossas atividades em um imóvel residencial alugado e adaptado, sito à Av. Generalíssimo Deodoro, entre a Tv. João Balbi e a Av. Governador José Malcher. A inauguração ocorreu a 30 de janeiro de 1980, já no Governo Alacid Nunes, sendo Secretário de Saúde o Dr. Almir Gabriel.

O descrédito do sistema voluntário de doação de sangue era quase generalizado, posto que, à exceção do Banco de Sangue da Santa Casa de Misericórdia do Pará, todos os demais, inclusive os públicos, remuneravam os doadores.

A FUNEPA foi criada para implantar o Sistema Estadual de Hemoterapia, baseado na coleta, processamento e distribuição de sangue de boa qualidade à população do Estado.

O incremento da doação voluntária de sangue e a eliminação do sistema de doação remunerada eram alguns dos principais desafios da instituição então criada.

Além dessas propostas, a FUNEPA (jocosamente apelidada de FUNESTA, por um colega anestesista proprietário de banco de sangue) inovou, oferecendo produtos hemoterápicos fracionados, tais como concentrado de hemácias, plasma fresco, concentrado de plaquetas, concentrado de leucócitos, crioprecipitado antihemofílico, etc. Antes, existiam, além do Banco de Sangue da Santa Casa, os do Hospital dos Servidores do Estado, do Hospital Adventista de Belém, do Banco de Sangue do Serviço de Anestesia (S.A.) e do Banco de Sangue Central de Belém que respondia pela maioria das coletas e transfusões a nível local e pertencia ao Instituto de Anestesia (I.A.), o maior grupo de anestesistas do Pará.

Nosso primeiro cliente foi o Hospital do Pronto Socorro Municipal, então dirigido pelo Dr. Raimundo Árias, onde foi realizada a primeira transfusão promovida pela FUNEPA.

Dois anos após sua fundação, devido ao aumento de atividades, o imóvel tornara-se pequeno. Por isso, o prédio do antigo Centro de Saúde nº 2, localizado à Av. Magalhães Barata, 1136, esquina com a Tv. Castelo Branco, após grande reforma, passou a ser a nova sede do hemocentro, inaugurada a 13 de novembro de 1982, quando a FUNEPA teve sua denominação alterada para Centro de Hemoterapia e Hematologia do Pará - HEMOPA, já agora exercendo atividades também na área da hematologia.

Em novembro de 1985, sendo Secretário de Saúde o Dr. Luiz Eduardo Soares Carneiro, foi inaugurado, com recursos próprios do HEMOPA, o Hemocentro Regional de Castanhal, empreendimento que muito nos orgulha, pois foi o primeiro inaugurado no interior de um Estado brasileiro.

O programa de interiorização do HEMOPA atinge, hoje, os municípios de Castanhal, Santarém, Marabá, Altamira, Cametá, Uruarú, Tucuruí, Obidos, Lençer, e todas as suas áreas de influência.

Com o passar do tempo, os outros bancos de sangue foram desaparecendo ou sendo absorvidos pelo HEMOPA, restando agora, somente, o Banco de Sangue do Hospital Adventista de Belém, que mantém um bom padrão técnico de serviços, atendendo à legislação vigente.

Em abril de 1994, já sob a gestão da Dra. Luciana Maria Cunha Maradei Pereira, o HEMOPA foi transformado em fundação pública, por força de dispositivo da Constituição Brasileira, e inaugurou sua sede definitiva, com 4.000 m².

Atualmente, além da hemoterapia, o HEMOPA executa atividades em hematologia, atendendo pacientes hemopatas usuários do Sistema Único de Saúde e realizando exames laboratoriais de referência em hematologia e imunologia. É, também, responsável pela formação de recursos humanos de nível médio e superior em hematologia e hemoterapia, desenvolvendo programas conjuntos com a Universidade Federal do Pará, e com previsão de extensão à Universidade Estadual do Pará, já no exercício de 1995.

No dia 30 de janeiro de 1995 o HEMOPA completará quinze anos de sua inauguração, perfazendo uma trajetória sempre ascendente, com constante ampliação de seu leque de atividades.

O HEMOPA deu certo. No deserto de bons serviços em que se transformou a saúde pública no Pará, o nosso hemocentro se destaca como um bom prestador de serviços.

Qual o segredo disso?

Honestidade de propósitos e, sobretudo, vontade firme de prestar bons serviços à população, sem demagogia e sem politicagem. Desde o primeiro dia de funcionamento o HEMOPA tem sido dirigido como um misto de empresa privada e órgão público, observando o que de bom e proveitoso os dois estilos possuem. Empresa privada, para não ter prejuízos, ser dinâmica, eficiente e maleável. Órgão público, sem desperdícios, enxuto e servindo à comunidade.

Ao longo do tempo, a Fundação HEMOPA se tornou cada vez mais autônoma e capaz de gerir os seus próprios recursos. Infelizmente, um ou outro Secretário de Saúde não compreendeu esse espírito e procurou tolher sua autonomia. Por sorte, foram poucos.

O HEMOPA foi o primeiro hemocentro do Brasil a implantar um Programa de Qualidade Total, que tem servido de referência aos seus congêneres. Para o futuro, o que se vislumbra é a extensão de suas atividades, na capital e no interior, consolidando a presença do hemocentro do Pará como de referência na Região Norte.

O sonho: total autonomia administrativo-financeira, o que não é difícil. Já existem evidências e estudos realizados dentro da instituição que mostram que o HEMOPA depende, cada vez menos, do tesouro público, que vem reduzindo a cada ano a sua participação no orçamento do órgão. É evidente que o hemocentro permanecerá sempre como um órgão do sistema de saúde, sem perder suas

características de atendimento, visando, sobretudo, à triade paciente-doador-funcionário (no Programa de Qualidade Total aprendemos que existe mais um, os vizinhos da instituição).

Mas, quanto mais livre de injunções político-conjunturais, mais o HEMOPA será o hemocentro da população paraense.

*

AMÉLIA MACÊDO RIBEIRO. UMA PÁGINA DE SAUDADE



José Maria Cardoso Salles
Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Conheci AMÉLIA DENISE CAVALLEIRO DE MACÊDO RIBEIRO quando ela, ainda sem o último sobrenome que lhe viria do casamento, ingressou na antiga Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, no início de 1955. Já tinha, eu, um ano de vivência do curso médico e a amizade com Amélia foi alicerçada por sua colega de turma Maria Tereza Sampaio Costa, que mais tarde viria a ser minha cunhada - então vizinha de Amélia.

Na caminhada diária de volta da Faculdade, terminadas as aulas do dia, descíamos juntos a Av. Generalíssimo Deodoro, entrando na João Balbi, ela rumo à sua residência e eu ao encontro de Maria Elisa, hoje minha esposa.

Era, assim, uma convivência fraterna, na discussão em torno de fatos do cotidiano, das aulas, dos professores... isso durante vários anos.

Após a formatura, separamo-nos, de certa forma, em decorrência da escolha de caminhos distintos de especialização. Não por muito tempo, porém. Logo pertenceríamos, ambos, ao corpo docente da velha Faculdade, eu na Clínica Médica, com Afonso Rodrigues Filho, ela a princípio vinculada à Neonatologia, na Cadeira de Obstetrícia, com Flávio de Britto Pontes, depois passando a auxiliar de Abelardo Santos, na Pediatria, onde se afirmaria como professora competente e altamente interessada nos problemas pertinentes à disciplina.

Ao mesmo tempo estava presente na prática clínica diária em vários hospitais e associações beneficentes, demonstrando notável vocação ao serviço aos pequenos pacientes que a procuravam ou que eram por ela procurados.

A vida de Amélia pode ser descrita e caracterizada em vários aspectos:

O primeiro, o de sua vocação médica, em especial à clínica pediátrica, cujas noções apreendidas nos tempos acadêmicos foram aprimoradas e consolidadas na residência médica no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, à época o melhor do Brasil. Essa vocação se iria exteriorizar em uma vida consagrada ao serviço do próximo, inclusive aos menos favorecidos, as crianças carentes, necessitadas de assistência.

O segundo, o de sua devoção ao magistério médico, que tanto dignificou com sua ciência, disciplina e aplicação.

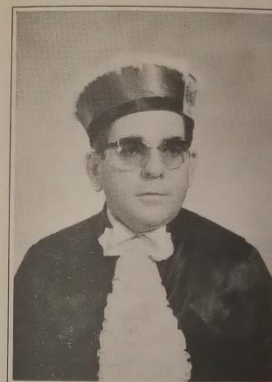
O terceiro, ligado ao âmbito familiar: dos Cavalleiro de Macêdo, com tantos membros ligados ao ensino em nossa Universidade; e do lar com Fernando Alves Ribeiro, a quem deu amor, companheirismo, conselho, a vida e a descendência - os filhos Fernando e Flávio.

Sentiram, todos os que com ela conviveram ou lidaram, o duro golpe de sua ausência. Não mais a veriam, sempre elegante e bem vestida, distinta e recatada, nas atividades sociais; não mais a teriam, eficiente e capaz, no diagnóstico e orientação terapêutica; não mais a sentiriam, amiga e empreendedora, nas atividades acadêmicas e associativas.

Sobretudo, não mais poderiam usufruir das virtudes de seu saber e das benesses de sua atuação médica, as crianças a quem devotou a vida. Estas, mais que outros, estão de luto. E, com elas, a Pediatria do Pará.

*

PANEGÍRICO DO PROFESSOR CLÁUDIO LOBATO*



Clóvis Olintho de Bastos Meira
Membro efetivo da Academia de Medicina do Pará

Designado pelo Senhor Presidente para traçar o panegírico do saudoso colega Cláudio Pastor Dacier Lobato, tomei a indicação como um privilégio, escolhido entre tantos que melhor do que eu poderiam levar a efeito a honrosa missão.

Cláudio Pastor Dacier Lobato, paraense nascido em Belém no dia 7 de setembro de 1914, data em que o Brasil celebra a sua emancipação política, era filho de Manoel Luiz Lobato e de Da. Helena Pastor Lobato, fazendeiros abastados na ilha de Marajó.

Dedicado à medicina e aos seus doentes, era de extrema bondade em favor dos mesmos.

Conhecia Cláudio Lobato desde os tempos de Paes de Carvalho, ele um pouco mais adiantado do que eu. Seus estudos de primeiras letras haviam sido realizados no Colégio Pará-Amazonas. O secundário cursou no Ginásio Paes de Carvalho.

Diplomou-se pela Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará na turma de 1937, da qual faziam parte outros excelentes alunos, como Cláudio Mendonça Dias, Maria do Carmo Sarmento de Carvalho, Luizileno Brasil, Pedro Valinoto, Hamilton Ferro Costa, Orlando Rodrigues da Costa, Manoel Marinho Monte. Era uma turma "da pesada", como se dizia então. A minha, só concluiria o curso três anos depois, em 1940.

Quando Cláudio Lobato terminou o curso de medicina tinha apenas 23 anos, a média de idade com que os jovens terminavam o curso superior. Queria ser um bom médico, especializar-se em Ginecologia e Obstetria. Depois de estagiar na

* Discurso pronunciado em Sessão Solene da Academia realizada a 19 de outubro de 1994 no auditório do HEMOPA.

Maternidade da Santa Casa e no Pronto Socorro Municipal de Belém, sem nada perceber pelo seu trabalho, rumou para o Rio de Janeiro, onde conseguiu estágio no Pronto Socorro Central, o hoje Souza Aguiar, equipe do Professor Azevedo Sodré; e no Hospital Miguel Couto, Serviço de Cirurgia do Professor Motta Maia, onde permaneceu por mais de um ano. Retornando a Belém, voltou a trabalhar de graça no Pronto Socorro e na Maternidade da Santa Casa, na Clínica Obstétrica a cargo do Professor Flávio de Britto Pontes, catedrático da Faculdade.

Eu estava no último ano do curso de medicina, quando servi com o Cláudio Lobato. Ele era paciente e muito capaz. Acompanhava os iniciantes, ensinando-lhes tudo quanto sabia, desde o calçar as luvas esterilizadas, vestir os aventais e fazer a assepsia do paciente. Ensinava os nomes dos ferros, como e quando usá-los, tudo com paciência de Jó.

Foi Médico Adjunto do Serviço Municipal de Pronto Socorro em 1938. Segundo-Tenente-Médico da Reserva do Exército Brasileiro, em 1943. Médico Auxiliar da Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará.

Passou, depois, alguns anos (de 1944 a 51) no Território Federal do Amapá, quando da administração Janary Nunes, a Saúde então confiada ao Pedro Borges, ao Álvaro Simões, Salomão Moysés Levy e outros. Foi Médico Pré-Natalista do Posto de Puericultura Iracema Carvão Nunes, no Amapá, em 1944. Diretor Interino da Divisão de Saúde do Amapá. Membro do Conselho Penitenciário do Amapá, de 1945 a 1951. Vice-Presidente da Comissão Territorial da Legião Brasileira de Assistência, em 1946. Depois, Presidente da mesma Comissão. Diretor de várias instituições de saúde materno-infantil de Macapá e Belém. Foi sócio fundador do Rotary Clube de Macapá. Membro do Conselho Regional de Desportos do Território. Presidente do Rotary Clube de Macapá.

Em 1946, encontramos-nos em um Curso do Departamento Nacional de Saúde, no Rio de Janeiro, sobre Organização e Administração Hospitalar, ele bolsista do Território Federal do Amapá, eu do Pará. Recordo que ele tirou o primeiro lugar. Tive boa colocação, mas ele foi o primeiro.

Ainda no Rio, fazia diversos outros Cursos: de Aperfeiçoamento e Especialização em Organização e Administração Sanitária, também no Departamento Nacional de Saúde, em 1947; de Aperfeiçoamento em Obstetrícia, no Centro de Estudos do Hospital dos Servidores do Estado, em 1950; de Higiene Pré-Natal e Obstetrícia, no Departamento Nacional da Criança, 1950; de Aperfeiçoamento em Clínica de Recém-Nascidos, na Universidade do Brasil, 1950; de Puericultura e Administração, no Departamento Nacional da Criança, 1951; e ainda outros. Aproveitou, também, para estagiar na Maternidade Escola, Serviço do Professor Octávio Rodrigues Lima, da Universidade do Brasil.

Depois retornou a Belém. Estava sempre presente, saindo-se vitorioso, nos concursos que surgiam: Instrutor de Ensino da Cadeira de Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará; Professor-Assistente, em 1954. Em 1963

conquistava a Livre Docência, sendo nomeado Professor Adjunto da Cadeira de Clínica Obstétrica da Universidade Federal do Pará. Em 1965, já consagrado mestre de Ginecologia e Obstetrícia, decidiu fazer um Curso de Pós-Graduação na Universidade de Madri, Cátedra do Professor José Botella Lusiá, como bolsista do Instituto de Cultura Hispânica. Logo obteria, também por concurso, os títulos de Especialista em Ginecologia e Obstetrícia pela Associação Médica Brasileira e de Cancerologista, pela Associação Médica Brasileira e pela Sociedade Brasileira de Cancerologia, em 1968.

Foi Diretor da Delegacia Regional do Departamento Nacional da Criança, em Belém. Membro do Conselho Regional de Medicina, de 1952 a 1968. Diretor da Clínica Obstétrica Dalmázia Pozzi. Professor da Escola de Enfermagem do Pará. Diretor do Centro de Estudos do Hospital dos Servidores do Estado e da Comissão de Residência do mesmo Hospital. Sócio do Rotary Clube de Belém, que presidiu no ano rotário de 1968.

Durante sua vida de médico e de professor recebeu muitas homenagens e provas de afeto. Destaco apenas algumas: Parainfo da turma de Samaritanas da Cruz Vermelha Brasileira, em Belém do Pará, 1942. Diploma de Reconhecimento aos Relevantes Serviços prestados à Delegacia Federal da Criança durante a gestão do Dr. Salomão Moysés Levy. Em 1952 foi louvado pelo Governo do Amapá, pelos serviços médicos prestados ao Território, o mesmo ocorrendo na Delegacia da Criança, no Pará, em 1953. Durante anos seguidos, de 1954 a 1964, foi homenageado pelas turmas de médicos da UFPa. Parainfo à turma de Auxiliares de Maternidade, do Departamento Nacional da Criança, em 1955. Agraciado pela Faculdade de Direito do Pará com a medalha comemorativa do I Centenário de Nascimento do Dr. Augusto Montenegro. Em 1969 foi agraciado pela Universidade Federal do Pará, com a Palma Universitária, de bronze. Foi também distinguido com o Reconhecimento da Direção e do Corpo Clínico do Hospital dos Servidores do Estado, pela valiosa colaboração prestada ao seu Centro de Estudos no período de 1961-1972; e com a Medalha de 10 Anos de Bons Serviços prestados ao referido Hospital. Foi Parainfo à Turma de Médicos Residentes do Hospital dos Servidores do Estado, em 1974.

O PROFESSOR

A vocação de Cláudio Lobato para a medicina e o magistério era inata. Sabia ser médico e sabia ser professor. Era de uma dedicação a toda prova. Ele, um homem de recursos, era um devotado nessas duas missões nobilitantes e mal remuneradas. Antes mesmo de se tornar professor da Universidade, foi, durante muitos anos, professor dos Cursos da Cruz Vermelha, de cursos promovidos pelas Secretarias de Saúde do Amapá e do Pará, ensinando Anatomia, Primeiros Socorros, Obstetrícia,

Higiene, Ginecologia, cursos patrocinados pelas mais diversas entidades especializadas que desejavam reciclar o material humano, sempre muito vasqueiro. Não media esforços. Participava de bancas examinadoras, como, por exemplo, do exame final de Ética Profissional do primeiro Curso de Auxiliares de Maternidade do DNCr e do Fundo Internacional de Socorro à Infância, em 1953. Participou como membro das bancas examinadoras de diversos outros cursos promovidos pelo DNCr e pelo FISI, em anos seguidos. Plantonista da Maternidade do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará, como Instrutor de Ensino da Cadeira de Obstetria da Faculdade de Medicina, em 1954, funcionando também como médico do Ambulatório da Maternidade. Professor Assistente de Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina. Professor de Obstetria do 2º Curso de Auxiliares de Maternidade do DNCr, em 1954. Professor de Obstetria da Escola de Enfermagem do Pará, 1955. Livre Docente da Cadeira de Obstetria da Faculdade de Medicina do Pará, em 1961.

Durante sua longa vida de médico obstetra e ginecologista proferiu inúmeras palestras e conferências sobre assuntos de sua especialidade, inclusive sobre "Planejamento Familiar" e "Controle da Natalidade", ou tratando de temas como "Câncer na Mulher", "Higiene Infantil", "Dietética", "Cirurgia Obstétrica" e muitos outros.

Não foram poucos os cursos que teve de frequentar no Brasil e no exterior, muitos deles correlatos com a sua especialidade, num total de mais de trinta, dos quais destaco apenas alguns, além dos já anteriormente citados: Curso de Colposcopia, na Universidade do Brasil, Rio de Janeiro; Curso de Endocrinologia Feminina, na Universidade Federal do Pará; Curso de Diabetes, da Sociedade Paraense de Cardiologia; Curso de Ortopedia, no Hospital Jesus, do Rio de Janeiro; Curso de Cardiopatia na Infância, com o Professor Carvalho de Oliveira, no Rio de Janeiro; Curso de Esterilidade Conjugal, na Faculdade de Medicina da Universidade de Madri, 1964; Curso de Medicina Espanhola para Sul Americanos, no Instituto de Medicina Hispânica, 1965; Cursos de Patologia Mamária, de Citologia Vaginal Esfoliativa e de Endocrinologia feminina, na Faculdade de Medicina da Universidade de Madri, 1965.

Cláudio Lobato sempre foi muito aplicado aos livros e, desejando aprimorar sempre mais seus conhecimentos, era frequentador constante de congressos, simpósios, conferências e palestras, principalmente os que tratavam de assuntos relacionados com a sua formação médica. Foi assim que pertenceu à Comissão Territorial do Amapá organizadora da 1ª Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria, realizada em 1951. Participou de mais de 70 eventos, ora como simples participante, ora presidindo mesas, ora relatando temas, ou figurando em debates em mesas redondas, sempre oferecendo contribuições, fruto de sua experiência de clínico ativo. Tinha sempre algo a acrescentar aos temas em debate, detentor que era de vastos conhecimentos em Obstetria, Ginecologia e Néon-Neonologia.

Dentre os trabalhos científicos publicados, posso referir apenas alguns, não mais que vinte: "Feto morto e retido" (1951); "Colposcopia. Método de rotina no diagnóstico do Câncer" (1952); "Estudos sobre a morte fetal *in utero*" (1952); "Condições geo-econômicas e médico-sociais da Amazônia" (1952); "Controle das doenças transmissíveis na infância" (1952); "Postos de Puericultura para o Município de Belém" (1952); "O combate à sífilis da gestante" (1953); "*Hernia uteri gravidi abdominalis*. Caso clínico" (1953); "Diagnóstico Precoce e Tratamento do Câncer Genital da Mulher" (1954); "Métodos Modernos para o Diagnóstico de Câncer do Colo do Útero" (1954); "A Educação no Combate à Verminose na Infância" (1954); "Anestesia e Analgesia em Obstetria" (1955); "Operação Cesariana. Indicação e Técnica" (1961); "Subfertilidade Masculina. Diagnóstico e Tratamento" (1968), com a colaboração do Dr. A. Ribeiro; "Conduta no Parto de Apresentação Pelviana" (1968), com a colaboração de A. Ribeiro; "Miomias e Gravidez" (1968), com a colaboração de A. Ribeiro; "Modo Abreviado do Parto" (1968), também com a colaboração de A. Ribeiro; "A Importância do Registro de Nascimento" (1969); "Dismenorria. Etiologia" (1970); "Sofrimento Fetal Intra-Parto, por Anomalia Vascular do Cordão Umbilical" (1975); "Razões Fundamentais da Profilaxia do Câncer do Colo Uterino" (1974).

Como vemos neste ligeiro apanhado da vida do médico e professor Cláudio Lobato, a Medicina e o Magistério Superior do Pará e do Brasil sofreram uma grande perda. Cláudio era um mestre, um grande colega, e figura humana quase que insubstituível.

Foi casado mais de uma vez. De seu primeiro matrimônio, com uma das irmãs dos colegas Paulo e Juvêncio Dias, conheci duas de suas filhas, que têm idade equivalente à de minhas filhas. A primeira, Helenamaria - nome escrito com uma só palavra - tem o mesmo nome de minha filha mais velha, Helena Maria - com os dois nomes separados. A minha, pelo casamento com o médico Milton Matos Lobato, passou a se chamar também Helena Maria Lobato. A outra era a Carmem Sílvia. Ambas, muito amigas de meus filhos. Foram para o Rio de Janeiro e não as tenho visto mais. Sei que teve ele outros filhos, do segundo casamento, mas não os conheço ainda.

Creio haver cumprido a missão que me foi confiada, ainda que em rápidas pinceladas, entendendo que o Cláudio Lobato mereceria um biógrafo mais talentoso, que pudesse retratá-lo por inteiro.

NOTICIÁRIO

ATIVIDADES DE 1994

Conforme já expresso em nosso Editorial, a programação do exercício foi gravemente comprometida por percalços que inviabilizaram, de todo, as atividades previstas para o primeiro semestre. Já no segundo, porém, foi cumprido o seguinte programa:

- 17/08/94 - Sessão ordinária, com a participação especial do Dr. João Carlos de Pina Saraiva, Diretor do HEMOPA, sobre "A revolução da Hemoterapia no Pará. O HEMOPA"
- 28/09/94 - Sessão solene de aniversário. Outorga do título de Membro Honorário ao Prof. Geraldo Milton da Silveira, Presidente da Academia de Medicina da Bahia. Conferência do homenageado, sobre "As Academias: de Platão aos nossos dias", transcrita neste volume.
- 19/10/94 - Sessão especial de homenagem à memória do Prof. Cláudio Pastor Dacier Lobato, recentemente falecido. Panegírico pronunciado pelo acadêmico Clóvis Olintho de Bastos Meira (também aqui transcrito), seguido de emocionados depoimentos dos colegas José Maria de Souza e Laura Rossetti.
- 16/11/94 - Eleição de nova Diretoria, para o biênio 1995/96.
- 14/12/94 - Sessão solene de posse da Diretoria eleita.

*

O V CONCLAVE DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ACADEMIAS DE MEDICINA

A Academia de Medicina do Pará esteve presente ao V Conclave da Federação Brasileira de Academias de Medicina, realizado em São Paulo no período de 26 a 28 de maio. A delegação paraense foi integrada pelo ex-Presidente Clodoaldo Fernando Ribeiro Beckmann, pelo 1º Vice-Presidente Habib Fraiha Neto e pelo Secretário Geral Leônidas Braga Dias, este último acompanhado de sua esposa, Sra. Glycia Dias.

O evento foi coordenado pelo Presidente Eleito da Federação, Prof. Irany Novah Moraes, empenhado em mobilizar toda a reserva de competência instalada nas Academias de Medicina do país, no sentido da formulação de propostas para salvar a Saúde do Brasil.

Dos três dias de profícuo debate resultou a elaboração do texto da denominada Carta Médica de São Paulo, que transcrevemos a seguir como contribuição da AMP ao justo anseio de ampla divulgação do saldo final de todo um esforço dispendido em sua organização.

Oxalá estejamos somando, efetivamente, rumo ao objetivo maior de modificar o quadro da Saúde no país e melhorar a qualidade de vida do povo brasileiro.



Fotos tomadas imediatamente após a sessão solene de abertura do V Conclave da Federação Brasileira das Academias de Medicina, a 26 de maio, na cidade de São Paulo. Acima, o Presidente eleito da FBAM, Prof. Irany Novah Moraes, Coordenador Geral do evento. A sua esquerda, o então Presidente da Federação, acadêmico Francisco Alves dos Reis (MG), e à sua direita o acadêmico Habib Fraiha Neto, 1º Vice-Presidente da Academia de Medicina do Pará.

Abaixo, da esquerda para a direita, os acadêmicos Newton Alves Guimarães (BA), Irany Novah Moraes (SP), Mário Negroiro dos Anjos (Niterói) e a delegação paraense: Leônidas Braga Dias, acompanhado da esposa Glycia, Clodoaldo Beckmann e Habib Fraiha Neto.

A Carta Médica de São Paulo*

- O V Conclave da Federação Brasileira de Academias de Medicina, ao ponderar que:
- a - o ano em curso é essencialmente político, pois nele serão escolhidos o Presidente da República, os Governadores dos Estados, Senadores, Deputados Federais e Deputados Estaduais, com as esperadas propostas, planos e programas de governo onde, com prioridade, devem ser colocadas as proposições, indicando soluções para os graves problemas de saúde dos brasileiros;
 - b - o Sistema Único de Saúde - SUS - tem apresentado distorções, falhas e ações distanciadoras dos dispositivos legais que lhe deram origem;
 - c - os médicos brasileiros vêm sofrendo as conseqüências do conturbado panorama sócio-econômico e político no desempenho das suas atividades técnicas e éticas, sua formação profissional está altamente prejudicada e o seu mercado de trabalho distorcido;
 - d - o rápido desenvolvimento da medicina e da tecnologia evidencia, cada vez mais seu descompasso em relação à saúde do povo;
 - e - os problemas de saúde estão profundamente vinculados aos da educação e, em especial, à educação em saúde;
 - f - urge que sejam aplicadas, a curto e médio prazos, medidas que restabeleçam a credibilidade da medicina pública e que seja respeitada e valorizada a missão de servir à saúde da população, sem interferência político-ideológicas e discriminativas;
 - g - a medicina do trabalho requer a capacitação do governo e comunidade para minimizar a altíssima incidência de acidentes de trabalho, intoxicações e doenças profissionais;
 - h - o problema do uso de drogas - de todas as formas - pela população, vem aumentando progressivamente;

Acredita ser dever de todos e em particular das Entidades Médicas auxiliar o governo em sua tarefa, dando-lhe os subsídios para melhor poder desempenhá-la.

As Academias de Medicina do Brasil - congregadas em Federação e reunidas no seu V Conclave - identificadas e comprometidas com essa postura, na busca do bem, da elevação dos padrões de saúde e da qualidade de vida, não podendo deixar de cumprir o seu compromisso com a Pátria, resolve apresentar à comunidade em geral e à classe política em particular, algumas sugestões para o poder público constituído, no sentido de:

* Mant'festo à Nação da Federação Brasileira de Academias de Medicina, elaborado por ocasião de seu 5º Conclave, em 1994.

- 1 - Rever a formação profissional do médico para que a escola o diplome, após seis anos, capacitando-o a resolver a grande maioria dos problemas de saúde do indivíduo;
- 2 - Reformular o sistema de treinamento profissional em serviço - Residência Médica - adaptando-o para atender às necessidades do país, estabelecendo estágios rotativos no interior, em cidades onde não haja médico, de maneira a levar a assistência médica contínua a todo brasileiro e, por outro lado, conscientizar o jovem médico da realidade do país;
- 3 - Incrementar a formação de Pólos de Elite Médica através dos Cursos de Pós-Graduação, apoiando substancialmente a pesquisa científica de ponta;
- 4 - Desenvolver Programas de Educação Continuada, para a permanente atualização do médico, tendo em vista sua cultura humanística, técnica e ética.
- 5 - Estudar a possibilidade de adotar métodos de informatização médica, de maneira a universalizar todas as informações e possibilitar um melhor controle da saúde individual e coletiva;
- 6 - Incentivar o mercado de trabalho a atender prioritariamente as necessidades básicas de saúde da população, e estimular a iniciativa privada a criar condições de exercício profissional digno, fundamentado na livre escolha pelo paciente do seu médico;
- 7 - Estimular a mídia na realização de programas de educação em saúde visando principalmente o esclarecimento da população sobre moléstias sexualmente transmissíveis, riscos do fumo, do uso indevido de medicamentos, do álcool, dos tóxicos e das drogas;
- 8 - Estabelecer mecanismos de incentivo governamental para a aquisição e importação de instrumental e equipamentos médicos de última geração, estabelecendo critérios para sua distribuição, de maneira que toda a população possa - sempre que necessário - utilizá-los;
- 9 - Estimular a produção e facilitar a importação de medicamentos de alto custo, bem como cuidar da distribuição destes produtos, de maneira que estejam ao alcance de todos;
- 10 - Regulamentar a Lei 8842/94 que dispõe sobre a Política Nacional para os Idosos, dando ênfase à implementação de recursos para atendimento à terceira idade.
- 11 - Dar prioridade - nas áreas de ação federal, estadual e municipal - à atenção devida aos programas de promoção, proteção e recuperação da saúde e de reabilitação.
- 12 - Reavaliar e reformular o Sistema Único de Saúde - SUS - para que ele possa cumprir as finalidades a que se propôs - ou seja, universalizar, regionalizar e hierarquizar os serviços de saúde e os recursos a ele destinados.

A Federação Brasileira de Academias de Medicina espera que este documento tenha ampla divulgação no País e que venha sensibilizar àqueles que têm o poder de decisão para assim melhorar a qualidade de vida do brasileiro.

São Paulo, 28 de maio de 1994

Prof. Dr. Irany Novah Moraes
Presidente

Dr. José Rodrigues Louzã
Secretário Geral

*

PROF. GERALDO MILTON DA SILVEIRA É MEMBRO HONORÁRIO DA A.M.P.

A Academia de Medicina do Pará promoveu memorável Sessão Solene comemorativa de seu 7º aniversário, ocasião escolhida para outorga ao Professor Geraldo Milton da Silveira, insigne mestre de Cirurgia Digestiva da Universidade Federal da Bahia, do título de Membro Honorário, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados pelo homenageado à Medicina no Brasil e à Academia, em particular.

O Prof. Geraldo Milton é Presidente da Academia de Medicina da Bahia, fundador da Federação Brasileira de Academias de Medicina e foi o maior incentivador da criação da Academia de Medicina do Pará.

O evento teve lugar no auditório Rubem Guilhon Coutinho, do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará e o ilustre visitante foi saudado, em nome da A.M.P., pelo ex-Presidente Prof. Clodoaldo Beckmann. Eis a íntegra de seu pronunciamento:

“Professor Geraldo Milton da Silveira:

“Peço-lhe que receba esta saudação e a considere como uma peça tocada a quatro mãos, as minhas e as de José Maria Cardoso Salles, ilustre amigo e confrade, responsável direto pela proposição que, acolhida pela Diretoria e aprovada pelo plenário de nossa Academia, outorga pela vez primeira um título de Membro Honorário, na forma de seus Estatuto e Regimento.

“Senhores convidados, senhores Acadêmicos:

“Geraldo Milton da Silveira vem de uma terra - a Boa Terra - que durante um largo período de tempo abasteceu com homens ilustres as cátedras das Faculdades do

Rio e de São Paulo, alguns por estas aceitos honrosamente, em transferência, outros por conquista conseqüente a memoráveis tertúlias intelectuais que demonstraram o valor dos homens da província nordestina, frente aos assim ditos representantes dos maiores centros brasileiros de ciência e de cultura.

“Deixando ao largo a figura de Rui, não um professor, mas que fez da tribuna política a cátedra onde ensinou, como disse João Mangabeira, com a doutrina e com o exemplo, aí estão a se fazerem lembrar na seara do Direito, Aliomar Baleeiro em passado recente e, em passado remoto, o notável Teixeira de Freitas, o juriconsulto do Império, magistralmente biografado pelo nosso Sílvio Meira.

“Em Medicina o mesmo fenômeno foi observado com tantos e significativos exemplos que o vosso conhecimento dos assuntos desta área dispensa minuciosas citações. Basta que lembremos apenas o nome de Clementino Fraga que, com seu ilustre e homônimo descendente, teve marcante influência na antiga Universidade do Brasil.

“Não escapou o Pará, dessa imigração cultural. Mesmo depois da fundação de nossa Faculdade de Medicina, a da Bahia continuou a prover-nos de profissionais que aqui se destacaram na clínica e no magistério, como Amando Appio Medrado, figura inesquecível de político, cirurgião e professor.

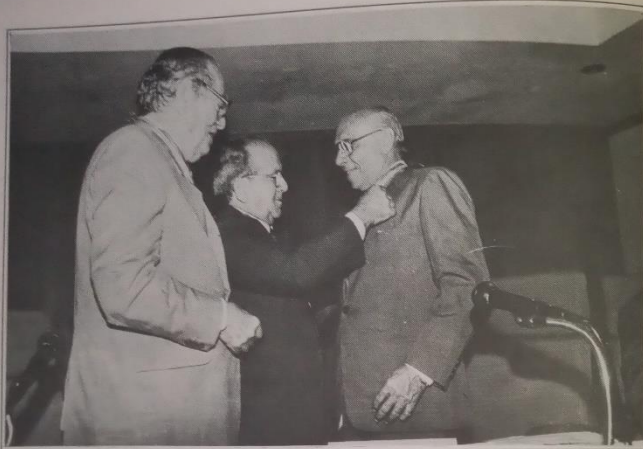
“O currículo de Geraldo Milton da Silveira não será aqui exposto em minúcias. Não há necessidade de destacar os seus elementos de magistério, de produção científica, de títulos acadêmicos, de exercício profissional ou de vida associativa. O tirocínio competente, o exercício da docência, a prática da cirurgia, foram dissecados pela severa comissão julgadora do concurso que o levou ao cargo de Professor Titular. O que não está contido no currículo, não obstante, também conta pontos, distingue e enobrece.

“O magistério do nosso homenageado vem dos tempos do regime de cátedra e os primeiros degraus da carreira ele os percorreu ao abrigo da ciência e da arte cirúrgicas de Fernando de Carvalho Luz, o notável cirurgião a quem Geraldo Milton serviu como assistente eficiente e leal, dedicado e fiel. No tempo em que, tranqüilos e obedientes, um grande número de assistentes esperava ansiosamente a substituição do catedrático, manteve-se ele ativo e independente, grangeando além da amizade, o respeito e a consideração do professor. Assumindo o cargo de Professor Titular, esses sentimentos mutuamente se acentuaram, como uma prova da dignidade de ambos.

“Não foi na atividade magisterial, todavia, apesar de a considerarmos, ambos, o sentido mais importante de nossa vida médica, que vim a conhecer Geraldo Milton, ainda que estivesse em fase ascensional na Faculdade de Medicina da Bahia. O reconhecimento de sua produtividade na vida associativa foi o marco inicial de fraternidade. No Colégio Brasileiro de Cirurgiões e na Federação Brasileira de Gastroenterologia, na qual ele chegou à maior dignidade como dirigente, em memoráveis Congressos ou reuniões administrativas, vi Geraldo Milton afirmar-se



Aspectos da sessão solene comemorativa do 7º aniversário da Academia, realizada a 28 de setembro no auditório do Hospital da Santa Casa. A mesa, da esquerda para a direita, o 1º Secretário, acadêmico Lourival Barbalho, o Secretário Geral Leônidas Dias, o homenageado, Prof. Geraldo Milton da Silveira, e o ex-Presidente Clodoaldo Beckmann. A tribuna, o 2º Secretário Francisco de Assis Alencar, procedendo à leitura das Atas.



O Prof. Geraldo Milton da Silveira recebe das mãos do acadêmico José Maria Salles a medalha-insígnia de membro da Academia de Medicina do Pará. Abaixo, o Presidente Rubens Britto faz entrega, ao homenageado, da documentação de outorga do título de Membro Honorário deste sodalício.

pela apresentação de trabalhos em temas oficiais, pela discussão em casos controversos, pela tomada de posição em defesa dessas instituições. O mesmo verifiquei na reunião/conclave de Salvador, da Federação Brasileira das Academias de Medicina, onde a ética médica foi o tema central.

“Senhor Professor:

“A Academia de Medicina do Pará foi organizada sob o incentivo direto de V. Exa., que motivou os nossos protofundadores - Salles, Waldenice, Moraes e Luiz Cláudio - a reunir figuras representativas da Medicina paraense para um trabalho ao mesmo tempo científico e cultural, histórico e social. O nascimento não se fez sem as dores da incompreensão, logo tratadas pela perícia literária, pela diplomacia e energia de Clóvis Meira.

“Vingou a nossa associação. Afirmou-se e cresceu. Colocou em letras de forma a produção intelectual dos seus membros. O curto período de atividade não impediu que se colocasse à altura de suas congêneres. Tudo leva a crer que terá vida longa.

“O título que V. Exa. vai receber está inscrito nos limites de um mecanismo severo, não abrandado em função de sentimentos de admiração e apreço que, embora justos, são inadequados para avaliar o mérito, único elemento compatível com o nível de seriedade acadêmica, capaz de honrar compromissos com a verdade e a justiça.

“Uma pequena frase informal transmita a Lygia Milton, a esposa e primorosa artista que complementa com a arte da pintura a arte cirúrgica de seu marido: o testemunho do nosso penhor.

“Receba, como termos finais desta saudação, o diploma, a medalha e as insígnias de nossa Academia, que bem lhe assentam e que bem mereceu.

“Satisfazer esse compromisso de honra nos faz felizes e augura para a nossa Academia não só vida longa, mas vida longa e vida nobre”.

*

O Presidente Rubens da Silveira Britto conferiu, em seguida, ao Professor Geraldo Milton o diploma de Sócio Honorário e a medalha-insígnia privativa dos membros da Academia de Medicina do Pará.

*

O pronunciamento do homenageado

O Prof. Geraldo Milton da Silveira agradeceu, proferindo o seguinte discurso: "Com satisfação incontida ouvi as palavras do orador que me antecedeu. Refletiram elas a inteligência e a cultura que equivalem à bondade dos seus corações, tão características destas plagas. Foram palavras de erudição e entusiasmo, que multiplicaram o pouco feito, transformando-o no muito que doaram.

"Há tempos, minha admiração pelos colegas do Pará vem crescendo sem fim. E esta admiração é resultado de vossa inteligência, de vossa cultura e do vosso trabalho, senhores. Mas ela não é somente minha, para que se não diga resultar puramente da amizade que vos dedico e em que sinto haver reciprocidade. É conseqüente ao vosso desempenho em eventos científicos, quando os médicos de todo o Brasil apreciam a forma gentil e amiga, a desenvoltura no falar em português escoreito, a transmissão cristalina dos vossos pensamentos e do conhecimento atualizado que tendes dos problemas médicos.

"O convívio freqüente em congressos e cursos, iniciado com Clodoaldo Beckmann na Federação Brasileira de Gastroenterologia por volta dos anos 60, continuado com José Maria Salles, dileto amigo, na Comissão de Infecção Hospitalar do Colégio Brasileiro de Cirurgiões quando percorremos as principais cidades do país, e admirando as suas aulas nos Cursos de Mestrado e Doutorado da Universidade Federal da Bahia, tudo isso acrescido dos encontros em Congressos de Cirurgia com Henrique Ribeiro Neto, com João Paulo do Valle Mendes na ABEM e, mais recentemente, com Waldenice Ohana, Luiz Alberto Moraes e Luiz Cláudio Chaves na F.B.G., o que me fundamenta a convicção para a assertiva acima, reconfirmada agora com a vossa atitude, senhores confrades, que me enche o coração de alegria e deixa minha alma em êxtase.

"Certamente, considerando as minhas parcas condições, jamais poderei - embora desejoso de fazê-lo - corresponder a tanta bondade. Esta solenidade ficará gravada no meu coração e na minha mente, como expressão maior para meu reconhecimento."

Proferiu, em seguida, conferência sobre o tema "As Academias: de Platão aos nossos dias", a convite da Diretoria, cuja íntegra está transcrita neste número dos Anais, às páginas 3 a 11.

*

HOMENAGEM AO PROF. JOSÉ MONTEIRO LEITE

O colega Ewerton Amaral, médico e jornalista, responsável pela coluna "Medicina & Notícia", do jornal "Diário do Pará", promoveu, pela terceira vez, à noite de 14 de outubro, no salão nobre da Assembléia Paraense, o jantar de homenagem aos **Destaques Médicos do Ano**, a propósito do transcurso do **Dia do Médico**, a 18 do mesmo mês. O evento contou, este ano, com quinhentas adesões e parece firmar-se como uma promoção vitoriosa, bem ao agrado da comunidade médica local.

Salomão Kahwage, Arnaldo Lobo Neto, José da Silveira, Rubens Britto, Clóvis Meira, Domingos Silva, Armando Morelli e Antonio Lobão, membros desta Academia, foram alguns dos homenageados da noite. Além deles, nomes respeitáveis, como os de Gilberta Bensabath, Luciana Maradei Pereira, Flávio Dulcetti, David Gabbay, Leopoldo Costa, Álvaro Nascimento, José de Souza Macêdo, Octávio Bandeira Cascaes, Ernesto Leitão, Celso Malcher, Paulo Castro, Mário Moraes, Marina Lemos, Antonio Alves Junior, Athaulpa Fernandez, Alcyr Braga, Ruy Romariz, Milton Luna Lobato, Victor Paz, José Bráulio dos Santos e ainda outros, foram também distinguidos.

Um momento de particular emoção foi o de homenagem ao Professor José Monteiro Leite. Ao ser citado o seu nome, os colegas presentes começaram, espontaneamente, a levantar-se, logo estando todos a aplaudi-lo de pé, numa demonstração eloqüente do imenso respeito que tem grangeado entre os colegas de profissão, muitos ex-discípulos seus. Entre eles, o nosso confrade, acadêmico Guilherme Guimarães, que proferiu, então, um breve discurso de elogio ao mestre, exaltando-lhe os méritos de professor e pesquisador, a integridade e o espírito humanístico. Lembrou ter sido ele o último catedrático, por concurso público, de Anatomia e Fisiologia Patológica e de Patologia Geral, da antiga Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará, à sua época o mais jovem catedrático de toda a Escola. E revelou um fato pouco conhecido, o de haver-se ele inoculado, no início de suas observações com o agente da doença de Jorge Lobo, a fim de melhor conhecer a evolução do processo patogênico e mais facilmente dispor de material para estudo, ainda que isso representasse sério risco à própria saúde. Coisas de um espírito idealista, sedento de conhecimento e profunda determinação.

A Academia se junta aos que aplaudiram a oportunidade e a justeza da escolha e rende também sua homenagem ao admirável mestre e amigo.

*

DIRETORIA ELEITA PARA O BIÊNIO 1995/96

Presidente: Clóvis Olintho de Bastos Meira
 1º Vice-Presidente: Leônidas Braga Dias
 2º Vice-Presidente: Rubens da Silveira Britto
 Secretário Geral: Júlio Nobre Cruz
 1º Secretário: Francisco de Assis Alencar
 2º Secretário: Aramis F. Mendonça de Moraes
 Tesoureiro: Arnaldo Lobo Neto
 Diretor de Publicações: Habib Fraiha Neto

*

A DESPEDIDA DO PRESIDENTE RUBENS BRITTO

Eis a íntegra do discurso proferido pelo Presidente da Academia de Medicina do Pará, acadêmico Rubens da Silveira Britto, por ocasião da sessão solene de posse da nova Diretoria, a 14 de dezembro de 1994, no Salão Nobre do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará:

Extingue-se, hoje, com a presente sessão, o prazo de vigência da atual Diretoria da Academia de Medicina do Pará, para dar lugar à sua sucessora, eleita a 16 de novembro último para gestão do biênio 1995/96. Lamentavelmente, haveríamos de viver este momento sob a forte emoção da perda irreparável de nossa querida colega, acadêmica AMÉLIA DENISE CAVALLEIRO DE MACÊDO RIBEIRO, cujo infausto desenlace nos toma a todos de perplexidade e empalidece o sentimento e a pompa de que se deveria revestir instante como este, habitualmente solene.

Ironicamente, havia de ser precisamente ela, dona de simpatia irradiante e plena vitalidade, a nossa perda primeira, e justo no período que precede as festas de fim-de-ano, quando era muitas vezes ela a assumir, com entusiasmo e competência, as providências necessárias à feliz confraternização do nosso quadro efetivo.

É, assim, amargando sentimento de imensa saudade, que chegamos ao final deste mandato, marcado, em verdade, por dias particularmente difíceis, sobretudo no último exercício. Não há, portanto, clima para festejos, o que já fôra deliberação, aliás, em plenário, por proposta do acadêmico Prof. Júlio Cruz, uma vez evidenciada a extrema gravidade de seu estado de saúde.

*

Impõe-se, regimentalmente, que apresentemos hoje um relatório anual de atividades. Pedimos condescendência para um relato de todo o biênio de nossa gestão.

As atividades do exercício de 1993 figuram no último volume publicado de nossos "Anais". Alegra-nos poder lembrá-las, sucintamente:

- Sessão especial de homenagem póstuma à Professora Bettina Ferro de Souza, a 31 de março;
- Sessão solene de elogio ao Patrono da Cadeira Nº 17, Dr. Raymundo da Costa Chaves, proferido pelo acadêmico Luiz Cláudio Lopes Chaves, seu primeiro ocupante, a 26 de maio;
- Mesa-Redonda sobre "Câncer - aspectos atuais", com a participação de renomados especialistas locais, a 30 de junho;
- Sessão solene de elogio ao Patrono da Cadeira Nº 13, Prof. Paulo Cordeiro de Azevedo, proferido pelo acadêmico Paulo Sérgio Roffê Azevedo, seu primeiro ocupante, a 25 de agosto;
- Sessão solene comemorativa do 6º aniversário de instalação da Academia, a 21 de setembro, momento particularmente jubiloso, marcado pelo uso, pela vez primeira, da medalha-insígnia dos membros efetivos, pela foto conjunta no hall de entrada do Teatro da Paz, seguida de sessão ordinária, em que falou o acadêmico ex-Presidente Clodoaldo Fernando Ribeiro Beckmann, lembrando os feitos todos deste sodalício nestes primeiros anos; e de um Recital de Canto, sob música erudita, com que fomos brindados pela Fundação Carlos Gomes em seu próprio auditório;
- Painel sobre "Marketing profissional e imagem do médico", a 20 de outubro, com a participação de ilustres convidados;
- Mesa-Redonda sobre "Descompasso entre tecnologia e saúde do povo", a 16 de dezembro, igualmente com o concurso de ilustres acadêmicos e outros técnicos convidados;
- Edição do volume IV dos "Anais da Academia de Medicina do Pará", com nova feição gráfica, moderna e ilustrada.

Já o ano de 1994, foi particularmente afetado por incidentes de saúde envolvendo familiares de dois membros da Diretoria e o próprio Presidente, durante meses forçados a se ausentarem do Estado, inviabilizando a programação prevista para todo o primeiro semestre, com repercussão ainda sobre o segundo: o violento acidente automobilístico com o filho do 1º Vice-Presidente, na cidade de Florianópolis, que privou esta Presidência de toda uma infra-estrutura de apoio logístico-administrativo; a longa e cruel enfermidade que acabou ceifando a vida do eminente

ex-Governador do Pará, Prof. Aloysio da Costa Chaves, progenitor do nosso operoso Diretor de Publicações, acadêmico Luiz Cláudio Lopes Chaves, principal responsável pela condução do programa científico-cultural no biênio; os cinco meses de enfermidade do Presidente, que o forçaram a praticamente alheiar-se da administração.

Assim mesmo, temos a registrar:

- A sessão ordinária de 17 de agosto, que contou com brilhante exposição do Dr. João Carlos de Pina Saraiva, Diretor do HEMOPA, sobre "A evolução da Hemoterapia no Estado do Pará";
- sessão solene de aniversário, a 28 de setembro, que contou com a honrosa presença do nobilíssimo Presidente da Academia de Medicina da Bahia, Prof. Geraldo Milton da Silveira, a quem foi outorgado o título de Sócio Honorário de nossa Academia, após vibrante saudação a ele dirigida pelo acadêmico Clodoaldo Ribeiro Beckmann; na oportunidade, o ilustre visitante proferiu erudita conferência sobre "As Academias: de Platão aos nossos dias";
- sessão especial de homenagem à memória do Prof. Cláudio Pastor Dacier Lobato, a 19 de outubro, cujo panegírico foi pronunciado pelo acadêmico, também ex-Presidente, Prof. Clóvis Olintho de Bastos Meira, seguido de emocionados depoimentos dos colegas José Maria de Souza e Laura Rossetti;
- eleição da nova Diretoria, na sessão ordinária de novembro;
- e, finalmente, a Sessão solene de posse, que ora se realiza.

O volume V dos "Anais" encontra-se em fase final de organização, sob responsabilidade do atual 1º Vice-Presidente que, para honrar o nosso compromisso de editá-lo no prazo adequado, fez questão de assumir a Diretoria de Publicações da próxima gestão, o que, deveras, nos tranquiliza.

A Diretoria que hoje será aqui empossada, foi eleita a partir de um estudo minucioso levado a cabo por esta Presidência, sobre os membros mais indicados e disponíveis para cada cargo, cujos nomes foram sufragados pela quase unanimidade dos acadêmicos presentes à sessão de eleição - à exceção de um único voto, o do Presidente eleito que, por modéstia, preferiu prestigiar nosso confrade Júlio Nobre Cruz, seu candidato.

Folgamos, portanto, em afirmar que a nossa Academia está sendo confiada a uma equipe competente e dedicada, que a tem amado e a ela tem consagrado parcela apreciável de sua valiosa disponibilidade. À frente, uma vez mais como timoneiro, a figura notável do Prof. Clóvis Olintho de Bastos Meira, seu primeiro Presidente, cujo desempenho contribuiu, decisivamente, para a consolidação desta experiência cultural que a cada dia mais se afirma em nosso meio.

Neste ensejo, queremos agradecer a todos os colegas acadêmicos que nos prestigiaram com o apoio vivo de sua presença assídua às realizações de nossa

Diretoria; agradecer à Universidade Federal do Pará, na pessoa do Diretor do Centro de Ciências da Saúde, pelas muitas vezes que tem sediado nossos eventos, quer neste recinto, quer no auditório do Núcleo de Medicina Tropical, unidade que ainda hoje abriga nosso pequeno escritório. Agradecer ao Instituto Evandro Chagas, pela indispensável infraestrutura de apoio proporcionada. Agradecer, também, à Secretaria de Estado da Cultura, pela subvenção dos "Anais"; à Indústria de Distintivos Randal Ltda., à Fundação Carlos Gomes, ao Teatro da Paz, ao HEMOPA, à Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, à Gráfica Supercores, aos jornais "O Liberal", "Diário do Pará" e "A Província do Pará". A todos, nossa homenagem de gratidão.

Uma palavra final de muito carinho e reconhecimento quero deixar aos colegas de Diretoria que nos ajudaram a levar a bom termo essa honrosa e laboriosa missão. Obrigado, amigos.

*